

## 4

# Juntando os “Trapos” – Sobre a Conjugalidade na Rocinha

### 4.1

#### Metodologia

O objetivo de investigar a configuração da conjugalidade nas camadas pobres da população implica um trabalho que enfoca as representações subjetivas tanto quanto os atravessamentos sociais imanentes. O método de pesquisa qualitativa, pelo conjunto de características, configura como o mais adequado para se alcançar os fins desejados nesta pesquisa.

Os participantes da pesquisa são moradores da favela da Rocinha, na Zona Sul do Rio de Janeiro, que vivenciavam no momento algum tipo de conjugalidade, reunidos, portanto, segundo o critério da homogeneidade fundamental, quando ao menos uma característica ou variável é comum a todos os sujeitos da amostragem, tornando possível assim identificar os membros de um grupo social específico. Se temos como objetivo compreender o modo como a conjugalidade é vivenciada e representada em um determinado segmento social, buscamos não limitar um perfil de alta definição, e sim compor um grupo com variados tipos, a fim de apreendermos o fenômeno em questão em sua diversidade, capturando também eventuais semelhanças. Por isso não foram pré-determinados aspectos como faixa etária, gênero, escolaridade, natureza da relação conjugal (se oficializada ou não) ou tempo de união. O critério fundamental utilizado para o recrutamento foi o fato de ser morador da Rocinha e ter vida conjugal.

Pretendíamos investigar a conjugalidade a partir do olhar dos próprios sujeitos, das suas próprias significações a respeito de suas experiências, visto que em pesquisa qualitativa o objeto de estudo são as pessoas ou as comunidades em sua fala e em seu comportamento, em seu *setting* natural, conforme aponta Turato (2003).

Segundo os princípios metodológicos apresentados por Nicolaci-da-Costa (2006) a língua em uso é concebida como expressão do todo social, e a ela é atribuído "o importante papel de construir a nossa percepção da realidade" (Nicolaci-da-Costa,

2006, p.6). De acordo com a autora, o processo de internalização de uma língua nos constitui como sujeitos individuais, portanto,

"Uma vez que o discurso nos constrói e reconstrói como sujeitos em conformidade com os valores sociais dos grupos aos quais pertencemos ao longo da vida, o discurso também pode revelar os valores a partir dos quais se dão essa construção e reconstrução" (p.7).

Diante disso, optamos por utilizar como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-dirigidas. Neste caso, ambos os integrantes da relação (entrevistado e entrevistador) podem, em determinados momentos, dirigir o rumo da conversa, de modo que o participante ganha maior liberdade para expor e articular seu pensamento. O entrevistador introduz um tópico para que o entrevistado desenvolva, propondo questões de aprofundamento, e este último também pode, espontaneamente, explicar uma idéia ou uma experiência e seu significado (Rubin e Rubin, 1995, In: Turato, 2003). Minayo (2007), concebe a entrevista como instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais, posto que a fala é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos, além de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socio-econômicas e culturas específicas. (p.110).

Através das entrevistas, pretendia obter dados de natureza subjetiva que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado: suas atitudes, valores e opiniões. Chizzotti (2000) compreende os "dados" de uma pesquisa como fenômenos que se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos, não se restringindo às percepções sensíveis e aparentes, de modo que precisamos "ultrapassar sua aparência imediata para descobrir sua essência" (p. 84).

Uma vez que utilizamos entrevistas como instrumento de coleta de dados, recorreremos à análise do discurso como método de tratamento do material obtido.

Utilizamos como método auxiliar de análise o MEDS (Método de explicitação do discurso subjacente), proposto por Nicolaci-da-Costa (2006). Seu objetivo geral é a escuta detalhada da fala dos entrevistados sobre o assunto a ser investigado, por isso era importante que as entrevistas ocorressem da forma mais natural possível, para que houvesse espontaneidade no discurso e assim se alcançasse a profundidade desejada. Há ainda um objetivo que o distingue de outros métodos

qualitativos: o de trazer à tona conflitos psicológicos que nem sempre são verbalizados explicitamente pelo entrevistado, visto que muitas vezes eles não são conscientes, o que pode aparecer através de inconsistências nos depoimentos.

No momento das entrevistas, foi importante a apreensão do comportamento global dos participantes como parte integrante do estudo, sendo avaliado posteriormente juntamente com o conteúdo oral. Nesse sentido, Turato (2003) destaca alguns dos possíveis aspectos a serem observados: "interposição de momentos de silêncio, fala embargada, uma palavra pronunciadamente vacilada, colocações com inibição e desinibição, manifestações de lapsos de língua e outros atos falhos" (p.319).

O autor aponta, ainda, para além dos componentes físicos da palavra, como elementos da apresentação pessoal e a comunicação não-verbal. Assim como o discurso, um comunicado não-verbal pode trazer informações adicionais, complementar, ou mesmo contrariar aquilo que foi dito pelo entrevistado.

Cada participante foi entrevistado pessoalmente por mim, sempre dando preferência a sua própria residência, desde que as interferências externas (barulho, familiares, crianças) não inviabilizassem o trabalho. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio mediante o prévio consentimento do entrevistado e transcritas na íntegra. Elas tiveram como base um roteiro de itens a serem abordados, levantados a partir da literatura consultada e de acordo com os objetivos da pesquisa. São eles: *concepção de família e de casamento; a determinação da escolha amorosa; o lugar dos filhos; o papel das famílias de origem; o espaço físico; as redes de relacionamento (vizinhos, parentes, igreja, etc.); o ideal de casamento e de família; a sexualidade.*

A quantidade de participantes não foi estipulada a priori, sendo definida à medida que iam sendo atendidos os critérios específicos de seleção. Após a décima entrevista consideramos que os objetivos haviam sido alcançados. Vale ressaltar que, de acordo com Turato (2003), costuma-se utilizar para este tipo de agrupamento um número entre seis e quinze sujeitos.

Sabemos que em pesquisa qualitativa se faz necessário o uso generalizado de amostras pequenas, visto que envolvem um intenso trabalho artesanal e demandam

muita dedicação e tempo. No entanto, tal especificidade não interfere na possibilidade de se fazer generalizações. Minayo (2007) afirma ser possível ver o grupo representado na fala do indivíduo, pois tanto o comportamento social como o individual obedecem a modelos culturais interiorizados, apesar das variações presentes nas expressões pessoais. Ela não ignora, porém, o caráter peculiar das subjetividades em questão: “(...) é preciso buscar o que há de comum no grupo e o que há de específico no discurso individual” (p. 208).

Ainda com relação à representatividade dos dados coletados através deste tipo de pesquisa, Goldenberg (1999) afirma que os mesmos objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, contrapondo-se, portanto, à incapacidade da "estatística" de dar conta da singularidade e da complexidade de certos fenômenos. Nestes casos, a quantidade é substituída por intensidade e profundidade:

"Na pesquisa qualitativa, a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc." (Goldenberg, 1999, p.14).

A tarefa desses pesquisadores é, portanto, realizar interpretações contextuais (social e historicamente) dos fenômenos humanos e sociais estudados (Nicolaci-da-Costa, 2006). Para os pesquisadores qualitativistas, o estudo da vida social possui especificidades que não podem ser alcançadas através de métodos quantificáveis que visam o estabelecimento de leis e explicações gerais (modelo positivista).

Não pretendo aqui pormenorizar a questão da cientificidade das Ciências Sociais, assunto já bastante discutido e ainda controverso. Contudo, considero importante destacar a possibilidade de objetivação em se tratando de pesquisa em um universo onde somos, ao mesmo tempo, o objeto de investigação. E essa identidade entre sujeito e objeto é o que torna a tarefa desafiadora e, talvez por isso mesmo, sedutora. “A cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer; ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização” (Minayo, 1994, p. 11).

Minayo (1994) fala sobre a historicidade do objeto das ciências sociais, evidenciando assim o caráter provisório, dinâmico e específico de qualquer questão social. Tal objeto possui, portanto, consciência histórica, ou seja:

“(...) não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado, intencionalidade a suas ações e a suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são do que ações objetivadas” (p. 14).

Goldenberg (1999) sugere ao pesquisador buscar na objetivação "o esforço controlado de conter a subjetividade. Trata-se de um esforço porque não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se nesta meta para não fazer do objeto construído um objeto inventado" (p.45). Ela lembra que a subjetividade do pesquisador está presente desde a escolha do objeto, privilegiado dentre diversos outros. Ao mesmo tempo, este objeto se impõe com sua historicidade, estabelecendo-se então uma relação entre o pesquisador e o seu campo que guiará todo o percurso da produção do conhecimento. Nesse sentido, “cabe ao pesquisador usar um acurado instrumental teórico e metodológico que o munície na aproximação e na construção da realidade, ao mesmo tempo que mantém a crítica não só sobre as condições de compreensão do objeto como de seus próprios procedimentos” (Minayo, 2007, p. 42).

Outro esforço necessário nessa busca por objetivação é o reconhecimento do caráter ideológico das ciências sociais, esforço que, segundo Minayo (1994) deve ser incorporado como critério de realidade. Toda ciência é, portanto, comprometida, uma vez que passa necessariamente pela subjetividade, bem como por interesses diversos.

## **4.2 Reflexões sobre o campo**

A Rocinha foi escolhida como campo de investigação por vários motivos. Primeiro porque, como moradora do local, foi ali naquele cenário que surgiram em mim as primeiras indagações que culminaram na presente pesquisa. Essa proximidade me levou ao segundo motivo: seria mais fácil inserir-me em um ambiente conhecido, onde já tenho estabelecidas relações de confiança. Confiança não só por parte dos meus entrevistados, mas também aquela necessária para me conferir segurança ao

adentrar qualquer comunidade que, conforme sabemos, tenha lá os seus critérios de seleção daquilo que pode ou não ser realizado em seu território, especialmente por alguém que provém de uma outra comunidade. Por fim, creio que a Rocinha guarde dimensões dignas de um trabalho que abarque as diversidades das camadas pobres, visto que comporta uma população bastante variada em termos de raça, origem, e até mesmo de renda, embora reconheça que, pela proximidade física, essa população se encontra, de alguma forma, inserida no universo cultural das classes média e alta da zona sul do Rio de Janeiro.

Para Chizzotti (2000), o pesquisador deve despojar-se de preconceitos e assumir uma atitude aberta a fim de apreender o máximo que puder das manifestações que observa, e assim alcançar uma compreensão global dos fenômenos. Para tanto, é importante que ele partilhe da cultura, das práticas, das percepções e experiências dos sujeitos da pesquisa, o que lhe possibilitaria compreender a significação social que estes atribuem ao mundo que os circunda e aos atos que realizam.

Podemos dizer que a minha entrada no campo foi marcada por uma cisão no olhar sobre aquela realidade, dada a necessidade de objetivação, pois eu fazia parte daquele universo. Essa inserção obviamente conferiu-me liberdade para interagir com os sujeitos, poupando-me da necessidade de identificação e autorização por parte dos traficantes. A esse respeito, Zamora (1999) constata:

“Dependendo do lugar, os traficantes apenas querem saber o que vai ser feito, mas em outros espaços, ainda mais se há guerra de quadrilhas, o controle incide sobre os detalhes do trabalho social, o que pode desfigurá-lo ou torná-lo impossível. Por tudo isso, consideramos pelo menos uma imprudência entrar nas favelas sem conhecer ninguém e sair procurando quem entrevistar (...)” (p. 149).

Não significa, porém, que o fato de morar na comunidade me assegure a tranquilidade para pesquisar ou trabalhar com aquilo que bem entenda. Tenho certeza de que, dependendo do assunto ou do conteúdo das perguntas, os próprios entrevistados se recusariam a colaborar, entervando a pesquisa antes de qualquer interferência “superior”. Foi o que constatei com essa fala:

*“Tem que gravar é? Mas não tem problema não, né, a gente não vai falar nada demais, né?”* (moradora).

O contato com os participantes foi relativamente fácil, já que eu não representava para eles uma completa estranha. A investigação sobre a conjugalidade

implicaria a exposição de aspectos íntimos, o que poderia provocar certa resistência, de modo que optei por entrevistar pessoas já conhecidas, porém, não tão próximas. Tal estratégia revelou-se posteriormente não muito eficaz, visto que ainda assim houve dificuldade em abordar temas como sexualidade, por exemplo, que apesar de fazer parte do roteiro, não foi desenvolvido como esperado, sendo então retirado da análise. Mas certamente essa proximidade trouxe-me uma série de outros facilitadores, como no momento dos primeiros contatos e da marcação das entrevistas, etapa crucial de pesquisa, e que tem muitas chances de ser dificultada pelo receio dos sujeitos frente a um pesquisador que, ao menos aparentemente, nada tem a ver com aquele universo. Com relação a isso, Pecego (1999) descreve um pouco de sua angústia ao iniciar sua coleta de dados na Cruzada São Sebastião:

“Marcava as entrevistas por telefone, quando havia, ou através do telefone do trabalho dos entrevistados. Algumas vezes fizemos um primeiro contato pessoalmente, marcando uma entrevista em dias determinados por eles. Com um sentimento de frustração, acompanhei uma série de ‘bolos’ que se seguiram. A ameaça de um encontro desfeito em cima da hora ocorreu ao longo de todo o trabalho de campo. Este fato só colaborava com mais um tempero para minhas indagações inseguras acerca da importância da pesquisa” (p. 83).

A entrada no campo foi, portanto, uma tentativa de desprendimento de uma visão pré-estabelecida que durante algum tempo provocou as minhas questões. O lugar, as pessoas, as relações, tudo era demasiado familiar, e transformar aquilo em algo exótico, conforme sugere Da Matta (1974, In: Velho, 1981), exigiu um esforço antropológico que espero ter conseguido alcançar, apesar do reconhecimento do fato de que não é possível um trabalho de campo neutro.

“Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranóias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros” (Velho, 1981, p. 129).

Uma preocupação presente era a de enfrentar um dos “grandes obstáculos” que, segundo Minayo (2007), se colocam à frente do pesquisador, aquilo que Bourdieu (In: Minayo, 2007) denomina “ilusão da transparência”, quando há a crença de que o real se apresenta de forma nítida àquele que observa, o que pode levar a uma interpretação espontânea e literal dos dados. E, neste caso, quanto maior a familiaridade, maior o risco de ilusão. “Portanto, analisar, compreender e interpretar

um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empirismo, visando a penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade” (p. 229).

Era preciso humildade suficiente para reconhecer aquilo que Zamora (1999), muito apropriadamente, resumiu em poucas palavras: “Não se coleta dados. Todo dado é construído” (p. 142). E essa construção começa, como vimos, bem antes da interação entre pesquisador e objeto:

“Os sujeitos/objetos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo. No campo, eles fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando um produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações em campo, suas entrevistas e observações, suas inter-relações com os pares” (Minayo, 2007, p. 202).

### 4.3 A Rocinha

Em 1927 uma grande fazenda que existia entre o morro Dois Irmãos e o maciço da Floresta da Tijuca foi loteada pela Companhia Castro Guidon. Adquiridos por imigrantes estrangeiros, muitos desses lotes foram transformados em sítios e a sua produção – frutas, hortaliças e legumes – era comercializada nas feiras dos bairros vizinhos. Assim, quando alguém questionava sobre a procedência de tais produtos, respondia-se: “*É da rocinha!*”. E assim foi nomeada a favela que hoje figura como a maior da América Latina.

Também deram início ao povoamento da área operários que trabalhavam nas indústrias têxteis da Gávea e do Jardim Botânico. Mas é em 1935, com a chegada da luz elétrica à Estrada da Gávea, e do asfalto em 1938, que se intensifica a ocupação, especialmente por imigrantes nordestinos, advindos do êxodo rural. Já na década de 50 o local era considerado um “gueto” nordestino (Filho, 2004). A crise econômica da cafeicultura, na década de 40, trouxe também muitos imigrantes do centro-norte do

Estado do Rio de Janeiro e de áreas agrícolas do Estado de São Paulo. Os descendentes de ex-escravos complementavam o quadro populacional.

É importante ressaltar que o êxodo nordestino se mantém forte até os dias de hoje. Geralmente o chefe da família chega primeiro, deixando mulher e filhos à espera de boas notícias. Após conseguir trabalho que garanta o sustento de todos, a família pode voltar a se reunir, desta vez em novas terras. Muitas vezes esse desfecho não é possível, seja porque a promessa de emprego farto não se cumpriu, ou porque o homem constituiu aqui nova família.

Na década de 60 foi loteada a área plana da favela, então Bairro Barcelos, pela imobiliária Cristo Redentor. A oferta de trabalho nos arredores aumentou com o crescimento da cidade provocado pela construção do túnel Dois Irmãos e da auto-estrada Lagoa-Barra, atraindo ainda mais habitantes. O fato de estar situada na zona sul da cidade, região que concentrava o mercado de trabalho, também atraía trabalhadores que residiam na Baixada Fluminense e gastavam muito tempo no percurso até o trabalho. Foi assim que começaram as locações de imóveis na região, já na década de 40. Muitos moradores que já possuíam moradia própria juntavam suas economias e compravam ou erguiam casas para alugarem, obtendo dessa forma uma renda extra. Assim formou-se o contingente da Rocinha que conhecemos hoje.

Até meados da década de 50, grande parte da área da Rocinha ainda não havia sido ocupada, havendo ainda muitos espaços entre os barracos que, quando não estavam preenchidos por vegetação, eram ocupados por animais, até mesmo de grande porte, visto que grande parte dos habitantes era de origem rural. Porém, com o vertiginoso crescimento populacional esses espaços foram gradualmente rarificando.

Se ontem a construção de casas e barracos preenchiam rapidamente espaços de chão desocupados, hoje a favela cresce “para cima”. E com isso não quero dizer “morro acima”, e sim para cima das próprias construções, o que só foi possível com o acesso à alvenaria. Com o casamento dos filhos, a chegada dos netos, a casa que já era pequena ficava ainda menor. E com a impossibilidade de ampliação por falta de espaço, a solução é construir outros andares e assim abrigar mais confortavelmente a família. Atualmente a grande maioria das construções na Rocinha possui ao menos

dois andares. E não são poucos também os prédios. O que parece ser o maior do local tem 11 andares.

Com a chegada dos movimentos sociais ao Brasil, na década de 70, vários grupos se organizaram para promover o desenvolvimento da comunidade. As reivindicações resultaram na oferta de serviços que foram chegando gradualmente. Nos anos 80 surgem as escolas, creches e centros comunitários. São implantados também o Centro de Saúde, o Núcleo da CEDAE e a Região Administrativa.

Em 18 de junho de 1993, através do Decreto Municipal 6011/95, a Rocinha deixa de ser favela para tornar-se bairro, passando a atrair investimentos e empreendimentos. A comunidade conta atualmente com uma diversidade de serviços e uma ampla estrutura comercial, com restaurantes, *lan houses*, três agências bancárias, duas rádios, três escolas públicas, quatro linhas de ônibus, cooperativas de vans, uma casa de shows, um posto de saúde, clínicas privadas, lojas diversas, um mini-shopping, uma grande frota de moto-táxi, dentre outros. Mas tendo em vista o contínuo crescimento populacional, bem como o natural desenvolvimento local, muito ainda precisa ser feito em termos de qualidade de vida para os moradores.

*“Não faz diferença pra mim uma coisa e outra. A diferença pra mim seria em relação à infra-estrutura. A diferença se dá quando você tem acesso aos serviços básicos de um bairro. Desde saneamento à saúde. É brincadeira chamar a Rocinha de bairro com várias valas a céu aberto, sem pavimentação nas ruas! Então, não justifica ser bairro, o título, por si só, não interessa. Não sei se alguém acha interessante ser bairro. Como disse, mais vale a infra-estrutura do que o título”<sup>1</sup>* (morador).

A visibilidade alcançada, seja por ações meritórias, seja pelo incômodo causado por ações do tráfico, que põe em risco não só seus moradores, mas também aqueles que passam por seu entorno ou moram muito próximos, em um dos bairros mais nobres da cidade, atrai os olhares da sociedade, que vê na possibilidade de contribuir para o bem estar da população local uma alternativa para atenuar a sensação de impotência diante da violência. Segundo o diretor da ASPA – Ação Social Padre Anchieta – um levantamento realizado em 2002 contou cerca de 63 ONG’s presentes na favela, o que não significa que todas trabalhem em prol da comunidade.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao site [www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br).

Um dos cartões postais da cidade. Quem ousaria definir assim uma favela? Pois pode-se dizer, sim, que a Rocinha tornou-se um ponto turístico. Todos os dias, dezenas de turistas sobem o morro em *jeeps*, encantados com o exotismo da paisagem. Se para os habitantes da cidade a favela já representa um universo à parte, apesar da proximidade geográfica entre morro e asfalto, para esses estrangeiros, adentrar os becos, subir em lages, esquivar-se das armas empunhadas por traficantes quando estes, porventura, cruzam o seu caminho, parece equiparar-se a um safári. As câmeras registram quase tudo.

O que mais chama a atenção neste cenário? Não fiz a pergunta a nenhum deles, mas na minha tarefa de estranhar o familiar esforcei-me no sentido de me apropriar do olhar do turista.

À primeira vista o que salta aos olhos é a arquitetura, aquilo que o IBGE define como “aglomerado subnormal”. Com o crescimento populacional de um lado, e a contenção do crescimento geográfico de outro, a solução são construções que parecem desafiar as leis da física. As ligações elétricas clandestinas formam extensas teias de fios desordenados. São muitos também os encanamentos à mostra.

Segundo dados do Instituto Municipal Pereira Passos, em 1999 a Rocinha ocupava uma área de 877.575 m<sup>2</sup>. Com relação ao número de habitantes não há consenso. Enquanto o censo de 2000 declarava uma população de 55.500 habitantes, instituições comunitárias locais estimavam que este número chegava a 150.000. Atualmente, com base nos mais de 27.000 relógios medidores instalados pela Light, calcula-se que haja cerca de 160.000 habitantes. De qualquer forma, é um número muito grande tendo em vista o espaço disponível, constatação possível à mais breve observação.

As ruas estão sempre cheias. Os pedestres disputam espaço com carros, ônibus, vans, caminhões e motos. Na estrada da Gávea, que corta a favela desde o alto da Gávea até São Conrado, há carros estacionados por todo o trajeto, já que nem todos os que possuem carro dispõem de garagem para guardá-lo, o que contribui para o engarrafamento do trânsito, principalmente nos horários de *rush*. As calçadas, essas também diminuem a olhos vistos. São comerciantes que aproveitam o espaço para expor suas mercadorias, motos estacionadas, casas que “crescem” calçada acima, de

modo que ao pedestre resta aventurar-se entre os veículos.

Na Via Ápia, centro nervoso da favela, o movimento é constante, 24 horas por dia. É nela, e em suas proximidades, que se concentram lojas, agências bancárias, restaurantes, o comércio em geral. A qualquer hora do dia e da noite é possível observar pessoas indo ou voltando do trabalho, passeando, vendendo, comprando ou consumindo drogas, ou simplesmente conversando e tomando ar fresco. E a quantidade de pessoas circulando impressiona até mesmo os mais familiarizados:

*“O povo na favela é que nem bicho, é só esquentar um pouquinho que sai todo mundo da toca, aí fica assim, tudo na rua zanzando”.* (Moradora)

Os bailes funk ocorrem também durante a semana e duram até o amanhecer. Este é o lazer noturno de boa parte dos moradores, somado aos ensaios na quadra da escola de samba, aos forrós e aos pagodes espalhados pelos bares e casas noturnas. A música tocada nesses locais pode ser ouvida a qualquer hora do dia pelas ruas, em volume alto. A Rocinha é rica em sons. São buzinas de veículos, vendedores ambulantes, as crianças brincando, as músicas dos bares e biroscas, os carros de som, as caixas de som espalhadas pelos postes propagando a rádio comunitária, os cultos evangélicos que ultrapassam os limites das igrejas... E música, na favela, só em alto e bom som. Nas pizzarias, que reúnem a juventude local, a música provém dos auto-falantes de algum carro estrategicamente estacionado para oferecer o som. É interessante notar, também, que muitas vezes o morador posiciona as caixas de som do seu aparelho na janela de casa. Na favela, o espaço público é extremamente sonoro. Mas o que soa barulhento para os visitantes é a trilha sonora cotidiana dessa população.

No Largo do Boiadeiro é possível encontrar grande diversidade de produtos nordestinos. Não é difícil perceber a influência cultural dominante no local, seja pelos sons dos mais atuais sucessos da “terrinha”, como chamam a terra natal, seja pelos aromas das especiarias e comidas típicas. Aliás, a Rocinha também é rica em cheiros, bons e maus.

Como uma comunidade de grandes proporções, a Rocinha também se estratifica em classes. Ali nem todos são paupérrimos como pode parecer aos menos informados. Existem os que vivem abaixo da linha da pobreza, mas também há

muitos que ostentam um padrão de vida digno da classe média. São pequenos empresários, comerciantes, prestadores de serviços, proprietários de imóveis alugados, empreendedores que ascenderam economicamente com o desenvolvimento local, mas optaram por continuar vivendo ali. Alguns mudaram-se logo que possível, em geral, para a zona oeste, em busca, talvez, de tranquilidade longe da violência e da tensão presentes quando se vive sob a influência do tráfico ou, pior, quando não se pode confiar na polícia.

“O morador possuía a consciência que, residir lá, significava ter, de repente, numa inversão de funções da polícia, a sua casa invadida por ela ou ser capturado como um transgressor, mesmo sem ‘ter culpa no cartório’. Inclusive, um favelado, nos anos 80, se não portasse carteira de identidade ou de trabalho, mesmo trajando roupa suja de tinta e cimento, característica da construção civil, podia ser considerado suspeito de criminalidade e conduzido à delegacia, como se o ônus da prova coubesse ao acusado” (Filho, 2004, p.11-12).

Muitos, no entanto, não têm a opção de fugir dessa realidade, tendo que continuar submetendo-se a tais desmandos. Ao que parece, o estigma da marginalidade e da criminalidade atribuído aos moradores de favela desde o início do século XX ainda se faz presente hoje, somado a um poderoso complicador: o narcotráfico. E as políticas públicas de segurança acabam por reforçar esse sistema perverso. Isto porque, conforme apontam Dimenstein, Zamora e Vilhena (2004), a imagem socialmente difundida a respeito das favelas as apresenta como lugar de privação, território definido pela falta.

“Seus habitantes são descritos como pobremente educados, preguiçosos, alcoólatras, promiscuos e principalmente perigosos. Eles são pobres ‘porque eles não se empenham o suficiente para achar trabalho’ e seus filhos morrem porque escolheram ‘o caminho fácil’, isto é, a carreira do crime” (p. 33).

Assim, nascer e ser criado em uma favela significa ser associado a uma imagem de ameaça e perigo, conforme nos mostra Vergne (2002) em seu trabalho sobre os “rostos esquecidos”. Quando se trata de encontrar os culpados para as mazelas sociais, seus rostos são facilmente apontados.

“Contudo, a quase totalidade desses pobres compõe-se de trabalhadores ‘honrados’ e com famílias, em sua maior parte, bem constituídas. Ademais, grande parte da patologia social atribuída apenas ao espaço favelado era gerada fora dela, pela má distribuição da terra e da renda no país. Lá se aloca o varejo do narcotráfico, todavia, encontra-se no ‘asfalto’ a maioria dos consumidores e dos atacadistas de drogas” (Filho, 2004, p. 10).

Na Rocinha, como nas demais favelas, a população é penalizada pela atuação de uma minoria, mas segue, desde sempre, resistindo e persistindo em sua luta por uma dignidade que precisa ser reconquistada e reafirmada diariamente<sup>2</sup>. Em meio a tudo isso, não faltam relações de afeto, carinho e respeito, conforme veremos a seguir.

#### **4.4 Sobre os Entrevistados**

Antes de iniciarmos a análise dos dados, segue uma breve apresentação dos entrevistados, personagens principais deste estudo, cujos nomes foram modificados a fim de preservar suas identidades:

##### Dona Fátima:

Moradora da Rocinha há 23 anos, D. Fátima trabalha em um projeto social voltado para a educação de crianças ao lado de sua casa. Pernambucana, viu as dificuldades aumentarem com a separação dos pais, aos 9 anos de idade. Foi quando começou a trabalhar em “casa de família”, atividade que continuou a realizar depois da vinda para o Rio, ainda na adolescência. E foi no local de trabalho que conheceu o marido, também nordestino. Trabalhavam no mesmo prédio, ela como doméstica, ele como faxineiro. O namoro durou um mês. Nesta época ainda não moravam na Rocinha, o que viria a acontecer dois anos depois. Após 5 anos de casamento civil resolveram casar na igreja. Teve três filhos, um morreu logo após o parto.

##### Gabriele:

Gabriele é uma jovem de 23 anos que passou boa parte da vida na Rocinha. Há sete anos vive em união estável, que pretende oficializar ainda este ano. Aos 15 anos engravidou do primeiro namorado, indo morar em um quarto com banheiro que

---

<sup>2</sup> Maiores informações sobre o assunto podem ser encontradas em ZAMORA, M. H. **Textura Áspera: Confinamento, Sociabilidade e Violência em Favelas Cariocas**. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1999.

ele havia construído em cima da casa da mãe. Tiveram mais dois filhos, também não planejados. Hoje trabalha como vendedora autônoma e sonha em voltar a estudar para “ter uma profissão”. A entrevista ocorreu na lage da casa de uns amigos de Gabriele, enquanto o marido, no quintal da mesma casa, consertava sua moto.

Fernanda:

Fernanda tem 25 anos e três filhos. Teve o primeiro aos 13 anos. O segundo veio dois anos depois, fruto de um novo relacionamento, que também não durou. Seu atual relacionamento dura dez anos, sete de coabitação, idade que tem o terceiro filho. Em um quarto na casa da sogra, onde a cama de casal ocupa quase que todo o espaço, Fernanda vive com o marido e o filho. A relação com a sogra não é amistosa, mas Fernanda diz não ter outra opção. O primeiro filho vive com o pai, e a filha é criada pela sua mãe. Fernanda sonha em casar oficialmente e ter a sua casa. Ela não trabalha e quem sustenta a casa é o marido.

Patrícia:

Aos 14 anos Patrícia foi expulsa de casa, grávida de dois meses, indo morar com o namorado na casa da mãe dele. Na infância foi abusada pelo pai, mas conta que a mãe não dera importância ao fato. Hoje, aos 25 anos, continua casada com o mesmo marido e tem 3 filhos. Com a ajuda da família, o casal construiu uma casa no andar de cima, onde moram até hoje. As agressões físicas sempre foram comuns no relacionamento, mas, segundo ela, diminuíram bastante desde a última separação do casal, quando se relacionara com outro homem. Diz que este fato teria feito o marido lhe dar mais valor, depois de já tê-la traído muito. Atualmente, Patrícia trabalha como cabeleireira e deseja progredir na profissão.

Ana Maria:

Ana Maria tem 42 anos e vive com o atual companheiro há 15 anos, seu segundo casamento, ensejado por uma gravidez não planejada. Nascida na Bahia, chegou à Rocinha aos 25 anos. Tem 5 filhos e um neto, que registrou como seu, pois a mãe dele, de 15 anos, “não tem responsabilidade”. Trabalhava com produtos

fitoterápicos, o que deixou de fazer para cuidar do neto. Há sete anos não tem vida sexual e diz não sentir falta, pois sente pelo marido um “amor de irmão”. Já casada, teve uma experiência homossexual, mas diz não ter gostado, e por isso não levara adiante. O marido bebe diariamente, o que a incomoda bastante, mas, apesar de tudo, nunca pensou em separação.

Ricardo:

Ricardo é motorista, tem 29 anos e sempre viveu na Rocinha. Mora com a namorada na casa da mãe desde que ela engravidou do seu único filho, hoje com 8 anos. Planeja construir uma casa para morar com a mulher e o filho, e um dia ter seu próprio negócio para poder parar de trabalhar e aproveitar a vida ao lado da família.

Beatriz:

Beatriz tem 35 anos e vive com o atual companheiro há 2, desde que tinha menos de um mês de relacionamento. Tem dois filhos do primeiro casamento, e um do atual. Atualmente não trabalha por causa do bebê, mas planeja voltar a trabalhar e procurar o ex-marido para legalizar a separação e poder casar novamente. Diz que a vida conjugal melhorou muito desde que o marido parou de beber, há cerca de um ano.

Antônio:

Antônio tem 34 anos e é moto-boy. Vive em união estável há 6, desde que a namorada engravidou e os dois resolveram morar juntos. Atualmente frequenta o A.A., o que diz ter melhorado significativamente a sua vida. Deseja um emprego melhor, pois quer construir algo para nunca deixar a mulher ou os filhos desamparados.

Marcelo:

Marcelo tem 39 anos e é um pequeno empresário do ramo comercial na Rocinha. Está em seu quarto casamento, e deseja que este seja o último. Conta que

sempre teve relacionamentos extra-conjugais, e que, em certo momento, deixava a esposa para ficar com aquela que considerava mais bonita. Casou pela primeira vez aos 17 anos, e desde então vem trocando as esposas pelas amantes. Mas hoje, freqüentador do A.A, se diz mudado. Não bebe mais, freqüenta a igreja regularmente, e diz não pretender mais trocar de esposa.

#### Geraldo:

Geraldo tem 60 anos, 3 filhas, e está em seu segundo casamento, que dura 29 anos. Na primeira vez casou-se oficialmente, mas na segunda, não, apesar dos apelos da companheira, que sonhava em legalizar a união. Gosta de beber diariamente, mas diz não ter problemas quanto a isso, pois quando quiser, consegue parar. Deseja não precisar sair da Rocinha nunca, pois ali nasceu, cresceu e criou as filhas, viu muita coisa acontecer, e a essa altura da vida, não saberia viver em outro lugar.

## **4.5**

### **Nem príncipes, nem sapos - Quando o amor vem depois**

#### **A Gravidez**

É difícil falar sobre casamento nas comunidades de baixa renda sem incluir na discussão a questão dos filhos. Conforme afirma Sarti, nesses estratos a constituição familiar implica, necessariamente, o desejo de tê-los (p. 72).

Esse desejo está presente também entre os casais de classe média, mas não imediatamente após o casamento e, menos ainda, antes dele. Um novo membro nesta família quase sempre requer certo planejamento, o que pode levar anos.

O que pude observar na Rocinha foi que os filhos representam não somente um fator de legitimação das uniões, mas aparecem também como fator determinante para as mesmas. Os casamentos ali normalmente se iniciam em decorrência de uma gravidez não planejada, em geral, ocorrida ainda na adolescência.

Dos entrevistados, somente duas mulheres e um homem relataram terem planejado a vinda dos filhos. Destes, um homem e uma mulher encontram-se no

segundo casamento e, contam, suas primeiras uniões sucederam a notícia da gravidez. Para os demais, a perspectiva da chegada de um bebê acelerou um processo que sequer havia sido cogitado antes: morar juntos.

Sarti afirma que a estrutura idealizada de família compõe-se de três peças: o casamento (o homem e a mulher), a casa e os filhos. Eu acrescentaria que tal composição no grupo estudado apresenta, em sua realização, uma ordem temporal: os filhos; o casamento; a casa.

*“(...) aí desse namoro ela ficou grávida, e ela também não tinha com se manter sozinha porque ela não trabalhava, no caso só quem trabalhava era eu, aí quer dizer, juntou o útil ao agradável. Aí ficamos assim, ela foi lá pra casa, fomos morar juntos, aí ficamos durante esses 6 anos, agora considerando como casado, aí nesse intervalo tivemos um filho, depois tivemos outro, depois tivemos mais outro, no caso são quatro filhos.”*  
(Antônio)

*“Eu comecei a namorar com ele, engravidei da Y. e aí tava na casa da minha irmã, e como o meu cunhado não podia saber que eu tava grávida, eu fui pra casa da outra irmã, e aí ele começou a ... a me... como é que se diz? Como ele já sabia que eu tava grávida, ele assumiu, nós alugamos casa e moramos e estamos até hoje.”* (Ana Maria)

*“(...) eu vim morar com ele depois que eu engravidei, porque... ele dormia na minha casa, eu vinha dormir aqui... Aí eu vim morar aqui logo depois que eu ganhei ele (filho), porque a minha gravidez também eu fazia isso, dormia aqui, dormia na minha mãe... Mas juntar os trapinhos mesmo, só depois que eu ganhei ele.”* (Fernanda)

Na maioria das vezes, um filho não planejado leva à coabitação repentina, e assim a casa permanece enquanto projeto até que seja possível a sua construção, em geral, com a ajuda das famílias de origem, ou até que o casal possa pagar um aluguel.

Tendo em vista a intenção de formar um grupo aleatório, o fato de o entrevistado ter ou não filhos, não foi relevante para o recrutamento. No entanto, todos os entrevistados tinham ao menos um filho. Se os casamentos sucedem a gravidez, nos parece normal a dificuldade de encontrar casais sem filhos. Sendo assim, podemos inferir que, neste grupo, o casal parental precede o casal conjugal. O que observamos é a constituição de uma família, antes mesmo que o casal se identifique enquanto tal.

Mesmo na ausência de gravidez, a decisão de conviver maritalmente ocorre pouquíssimo tempo depois do início do namoro, e o amor não aparece como condição fundamental para isso:

*“Foi assim, eu trabalhava num prédio, e aí ele trabalhava também no prédio, eu trabalhava como doméstica e ele trabalhava como faxineiro, aí a gente foi se conhecendo, se conhecendo, aí com um mês a gente se casamos, ele morava em Realengo, a gente foi morar em realengo uns dois anos, mais ou menos, aí ele comprou essa casa na Rocinha, e aí a gente foi morar até hoje na Rocinha”. (Fátima)*

*“Eu já tinha saído de um casamento, ela também, já com filhos, eu tinha a minha e ela a dela, aí não tinha porque ficar namorando, nós tínhamos que criar nossas filhas, e logo depois veio a terceira, então nós fomos morar juntos logo.” (Geraldo)*

No caso de Beatriz, 35 anos, casada há 2, a rapidez com que se deu a união sugere que o fator determinante para tanto tenha sido a impulsividade característica do sentimento por ela identificado como paixão:

*“A gente se conheceu num churrasco, aí foi rápido, a gente já se gostou, um mês depois a gente já tava morando junto, foi assim. Ele vinha aqui em casa e não queria sair, eu também não queria que ele fosse embora, a gente já não se desgrudava, não teve muito namoro não.”*

Mas em ambos os casos, a gravidez não tardou. Beatriz engravidou depois de três meses de coabitação, e D. Fátima, após 5 meses. A relação entre casamento e prole se dá em duas direções: ao mesmo tempo em que o casamento implica a vinda de filhos, um filho não planejado precipita o enlace.

Nos casos estudados, morar junto, ou “juntar os trapos”, foi a saída encontrada após constatada a gravidez, como que num ato reparador. E, invariavelmente, cabe ao homem a iniciativa de “assumir” a situação, levando a mulher, antes namorada e agora mãe do seu filho que está por vir, para morar em sua casa. Não raro o homem se exime de tal responsabilidade, acarretando a permanência da mulher na casa dos pais, que acabam incorporando a criança ao núcleo familiar e encarando o ônus de amparar a mãe solteira.

Mas faz parte dos princípios éticos e morais do “homem que é homem” e que “não é moleque” tomar para si a responsabilidade para com a mãe do seu filho, “assumir”, palavra freqüentemente utilizada nestes casos. Ao confirmarem a

gravidez, as mulheres parecem permanecer na expectativa de uma reação do homem: será que ele vai assumir?

Sarti aponta a ambigüidade envolvida na aceitação da mãe solteira. Ora tida como “vítima de um safado, que não assume as conseqüências dos seus atos, um homem que não é digno de respeito”, também se questiona a obrigatoriedade de reparação por parte do homem, posto que ninguém pode ser obrigado a ser casar. Quanto a isso encontramos ressonância na pesquisa de Pacheco (2005) sobre mulheres chefes de família, onde é possível perceber que existe arraigada a crença de que gravidez e maternidade são assuntos exclusivamente femininos, de modo que a responsabilidade para com a contracepção também recai sobre a mulher.

E face à incerteza com relação à atitude masculina frente à gravidez, algumas pensam, num primeiro momento, em interrompê-la. Diante da falta de recursos para lidar com a situação inesperada, mesmo que não devidamente evitada, o aborto é quase sempre cogitado, ainda que não venha a se realizar:

*“Não (não foi planejada), a minha gravidez foi... de repente, porque eu engravidei e aí eu não sabia, aí quando eu fui fazer exame já tava com 3 meses, porque eu sempre fui assim cheinha, né, e nunca desconfiei... Aí ele também não falou que queria nem que não queria, aí eu deixei, e é o primeiro filho dele, ele ama esse filho”. (Fernanda)*

*“Foi assim, eu engravidei, eu morava com a minha tia, aí como eu era muito nova, ela até propôs que eu abortasse, que tipo assim, achava que ele não ia querer saber de nada, aí ele foi, conversou com ela, disse que não, que não queria que isso acontecesse, então ela disse ‘então vc vai assumir ela e a criança’, aí ele falou ‘tudo bem, se ela quiser ir agora comigo...’ e aí eu fui.” (Gabriele)*

Mas apesar de reconhecerem as dificuldades com a criação dos filhos, a contracepção não aparece como uma grande preocupação, o que também foi constatado por Pacheco (2005). A autora chama a atenção para a ambivalência no discurso de suas entrevistadas no que tange ao uso de métodos contraceptivos, já que a maternidade é tida como conseqüência natural de uma relação afetivo-sexual, representando a “verdadeira essência feminina”: “(...) é como se o nascimento de cada filho reafirmasse a função social e o valor da mulher” (p. 177).

No meu grupo de entrevistadas, a maioria sequer mencionou o uso de qualquer método contraceptivo e, quando mencionado, constata-se que houve inadequação no uso.

*“Essa daí foi simplesmente um gole de bebida. Eu nem tinha muita coisa, porque como eu te falei no princípio, eu não gostava de homem pequeno. Então a gente saiu todo mundo enturmado, e sobrou eu e ele. Aí nós bebemos além da conta, e quando eu vi tava grávida. Eu nunca fui uma pessoa assim volúvel, mas a bebida...” (Ana Maria)*

*“Eu comecei a tomar remédio, mas eu não tomava certo... Eu nunca quis ter um filho só, mas também não queria ter 3. Aí eu tive a segunda, aí com 1 ano eu engravidei dele (o menino), aí eu fiquei desesperada, aí veio na minha cabeça: ‘ah, eu não vou ter, eu não vou ter’, porque eu achava que eu não ia ter condições de lidar com 3 filhos, a minha filha ainda tinha 1 ano. Mas aí ele disse que, por ele, ele queria ter, aí eu falei ‘então Deus vai me ajudar a criar esses 3 filhos’” (Gabriele)*

*“E aí com 16 pra 17 anos eu tive meu segundo filho. E aí eu fiquei louca né, porque já vivia naquele inferno, eu não tomava remédio porque passava mal demais, não tinha acesso à pilula do dia seguinte, porque eu nunca na minha vida tinha ouvido falar disso, ele não queria usar camisinha, e quando eu engravidava ele queria que eu tirasse. Então, assim, eu falei ‘tirar eu não tiro’ E ele: ‘mas você vai assumir esse filho sozinha’. Eu disse ‘posso até assumir sozinha, mas eu não vou tirar’”. (Patrícia)*

*“(...) depois de um tempo eu engravidei do meu terceiro filho. Eu ia pra igreja e ele não ia. Aí ele falou que não, que não podia ser, ‘como eu podia ter engravidado?’, que o filho não era dele. Eu falei que ele era meu marido, eu só tinha ele, como é que eu poderia ter engravidado de outro? E ele dizendo que não, que eu ia tirar... e eu disse que não. Os três ele mandou tirar, detalhe. Aí eu deixei, ele não me deu nada na terceira gravidez, não comprou uma fralda pro filho, eu me virei sozinha, sofrendo que só. Amigas minha, pessoas que gostam de mim me ajudaram a beça, me deram roupa, teve gente que me deu dinheiro pra eu comprar o que faltava pro bebê, sabe, pessoas legais mesmo que gostam de mim. E assim, eu me virei sozinha”. (Patrícia)*

Patrícia foi a única a se posicionar contra o aborto, indo contra a vontade do marido, que sugerira a interrupção das três gravidezes da mulher, e não por acaso. Durante muito tempo ela arcou financeiramente, sozinha, com as despesas dos três filhos.

## Solidariedade familiar

A ajuda dos familiares é fundamental, em especial no início do casamento. Conforme foi possível notar, as uniões ocorrem, na maioria das vezes, de forma repentina, sem que haja tempo para planejamentos estruturais. Sendo assim, é muito comum o casal iniciar a vida conjugal morando com a família de origem de um dos dois, em geral, a do homem, respondendo à atribuição masculina de prover o teto (Sarti, 2003). E essa convivência forçada entre sogra e nora dificilmente é pacífica:

*“Que aí eu vim morar com a mãe dele, nós dois na casa da mãe dele, ficamos dependendo da mãe dele um bom tempo, porque tanto eu quanto ele a gente era novo e não trabalhava. Os bicos que às vezes ele pegava não era suficiente... E aí a gente foi indo, brigávamos muito no começo, a mãe dele no começo era legal comigo, mas depois começou a mandar em mim como se eu fosse filha, começou a querer controlar a minha vida. Quando o meu filho nasceu piorou, porque ela queria mandar no meu filho mais do que eu, ela queria me dizer o que era certo e o que era errado, o que eu tinha ou não que fazer com ele, e aí a gente tinha muito conflito com isso.” (Patrícia)*

*“A minha sogra foi um terror. Hoje eu tenho pavor, se estiver no computador ou fazendo alguma coisa, se alguém chegar, eu sentir a presença de alguém pelas minhas costas, eu viro um bicho, porque a mania dela era essa, ficar atrás de mim. Ela não fazia nada além de ficar o tempo todo me vigiando pela minhas costas. Era um prazer que ela tinha, eu não podia dar um passo que ela tava atrás de mim igual a um guarda, como se eu tivesse roubando alguma coisa. Quando a pessoa morre, as pessoas costumam dizer ‘ah, era tão boa’, eu posso te dizer com todo o meu coração: o meu sogro, quando ele morreu eu senti muita falta, mas a minha sogra, sincera e honestamente, não me fez um pingão de falta, foi um alívio. E hoje eu tô até vivendo melhor”. (Ana Maria)*

Fernanda, casada há 7 anos, dentre as entrevistadas a única que ainda mora com a sogra, queixa-se de que esta insiste em colocá-la conta o marido. Por diversas vezes a sogra afirmou que Fernanda o traía, o que, segundo ela, não é verdade. A seguir, ela conta um destes episódios:

*“Ah, é como... Assim: domingo passado a gente saímos, mas ela bebe muito. Domingo ele me ligou e falou ‘amor, me espera na rua, que é aniversário do C.’, aí ela pegou e começou a me chamar de tudo quanto é nome na rua, todo mundo olhando pra minha cara, eu fiquei nervosa, eu comecei a chorar, aí eu fui pra casa de uma colega minha e telefonei pra ele, aí quando eu voltei, que*

*ele foi lá me buscar, ela entrou bêbada, começou a xingar ele, xingou ele de corno, xingou de tudo quanto é nome..”. (Fernanda)*

Assim é que as relações entre o casal e as famílias de origem parecem marcadas por uma ambigüidade. Ao mesmo tempo em que os parentes figuram como um recurso ao qual recorrer nos piores momentos, a proximidade produz um desgaste que pode até mesmo interferir negativamente no relacionamento do casal.

*“Mas a gente enquanto tava morando longe era o casamento perfeito, do ano, depois que começou a se relacionar com familiares dele foi que nada prestou. Eu me arrependo amargamente de ter vindo pra aqui, por causa da família né, porque morar perto de família é horrível, se mete em tudo. (...) tudo devido ao convívio com a família dele, aquilo foi desgostando, desgostando, porque ele jamais deixou de apoiar a família pra me dar um apoio, ele tinha que ficar jogando dos dois lados. E eu fui me desgostando.” (Ana Maria)*

A despeito dos conflitos, Pecego (1999) e Sarti (1996) puderam perceber em suas pesquisas alguns benefícios desta coabitação com as famílias de origem. Além da dificuldade financeira de adquirir um outro imóvel, a proximidade com os familiares possibilita arranjos em que a circulação doméstica aparece como estratégia fundamental para a manutenção da família, assegurando o grupo enquanto unidade econômica.

Peixoto (2005) chama a atenção para a complexidade dos vínculos de solidariedade familiar, uma vez que tais relações afetivas podem ser também percebidas como dívidas, e assim transformada em uma “contabilidade perpétua”, dinamizando e significando os vínculos familiares. “a solidariedade não é um dom, mesmo no âmbito da intimidade familiar. Ela pressupõe uma obrigação de retribuição, real ou simbólica, consciente ou inconsciente” (Djaoui, 1994, p. 149, in: Peixoto, 2005, p. 238). Isso nos ajuda a pensar a ambigüidade de sentimentos expressada por Ana Maria, em relação aos familiares do marido:

*“Eu sou sincera, eles não gostavam de mim. Raiva no momento eu sentia, mas eu nunca guardei mágoa, e eles tomaram conta dos meus filhos pra mim chegar onde eu cheguei, tenho mais que agradecer a elas. Então se amanhã ou depois eu tiver que ganhar algo pelos meus estudos, eu ainda vou ajudar eles, porque eu estou no grau que eu estou porque eles tomaram conta dos meus filhos. Só que chegou uma época que eles não deixavam ver os meus*

*filhos, carregavam meus filhos como se fossem deles. Já fui buscar várias vezes meus filhos em lugares que eu não tinha dado permissão, porque eu sempre fui uma mãe presente, então nesse ponto eles queria arrancar os meus filhos de mim. Mas eu agradeço a eles. Quando eu chegava, meus filhos tavam tomado banho, quem é que não vai gostar? Eu não tenho raiva deles não.” (Ana Maria)*

Para Sarti (2003), a extensão da família entre os pobres é definida pela rede de obrigações que se estabelece: “são *da família* aqueles *com quem se pode contar*, isto quer dizer, aqueles que retribuem ao que se dá, aqueles, portanto, para com quem se tem *obrigações*” (p. 85). Peixoto entende solidariedade familiar como “um conjunto de direitos e deveres, arranjos e rearranjos, que se expressam através de sentimentos e apoios diversos” (p. 225). Esta teria uma dimensão material e outra afetiva que, juntas, constituiriam a base das relações familiares. Para Godbout (1994, in Peixoto, 2005), a solidariedade familiar se baseia no princípio do dom, mais do que na solidariedade, pois o sistema de circulação “repousa” numa situação de dívidas mútuas sistematicamente mantidas, e não no equilíbrio. Nos relatos a seguir, percebemos uma insatisfação com relação a um apoio que, acredita-se, natural e, portanto, obrigatório, dadas as reais necessidades, afinal, “família é união, é um ajudando o outro”, conforme lembrou D. Fátima.

*“Não tivemos nenhuma ajuda. A gente chegou a consertar fogão, ventilador, porque quando a gente chegou aqui na Rocinha, a gente não teve o privilégio de fazer um barraco aqui dentro (no estacionamento que pertencia à família do marido), a gente teve que pagar aluguel no meio da favela, porque eles não deixaram. Com o falecimento do pai dele, foi que a gente veio morar na casa dele, que foi uma coisa terrível, foi quando eu comecei a trabalhar pra começar a construir essa (casa) aqui que você tá vendo. Apoio mesmo só de Deus”. (Ana Maria)*

*“Antes a gente contava com a ajuda da mãe dele, mas depois ela começou a reclamar, que não tinha obrigação, e que não queria saber de criança, e aí hoje em dia a gente paga uma menina que fica com eles à tarde, na verdade com o pequenininho, que os outros tãõ na escola, ele chega à tarde e ela fica com ele até ele chegar e ele até eu chegar, então é um revezamento, mas a família não ajuda não, hoje em dia não, só a minha cunhada quando eu preciso sair pra algum lugar, o pequenininho dorme na casa dela”. (Patrícia)*

*“Contar eu nunca pude, era uma coisa assim de eu não ter ninguém e pegar e botar lá e ela reclamar, mas eu deixar assim mesmo porque eu tinha que deixar e não tinha ninguém. Minha mãe também quando os meus filhos eram*

*pequenos eu deixava lá pra fazer alguma coisa, mas era coisa de jogar na cara depois”. (Patrícia)*

Pitrou (1992, in Peixoto, 2005) assinala duas modalidades de atuação da solidariedade familiar em contextos de desigualdade social mais contrastados: no sentido da promoção social, característico das camadas superiores e médias; e como contribuição para a subsistência de seus membros, característico das camadas populares:

“(…) nas camadas mais favorecidas, ‘as doações, empréstimos, serviços, relações e herança contribuem para a ascensão rápida e brilhante dos filhos’ (efeito promoção social), nas camadas menos favorecidas, a solidariedade familiar implicaria apoios emergenciais, sobretudo, nos casos de doença e de desemprego ou, ainda, nos inúmeros serviços prestados que não demandam ajuda financeira de grande monta, mas que permitem atender às necessidades cotidianas de sobrevivência” (p. 228).

Segundo Martin, haveria aí uma diferença de representação social, que vai além da questão de posse ou não de bens materiais. Assim, as camadas mais modestas não considerariam algumas das pequenas ajudas como um apoio efetivo por parte dos parentes. (Martin, 1994, p. 30, in: Peixoto, 2005, p. 228).

Mas é possível encontrar o reconhecimento e a exaltação de valores que prezam a união e a reciprocidade de apoio. Em alguns depoimentos o afeto aparece também como um dos eixos balizadores para as relações familiares. A ligação consanguínea implicaria, portanto, união afetiva e obrigações morais.

*“Essa casa é própria. Esse prédio é quase todo da família, foi meu pai que construiu. A gente morava ali perto da locadora, e o meu pai sempre teve essa oficina aqui embaixo, aí ele foi construindo, deu uma casa pra cada filho... Aí agora a gente tá ... aqui, sempre perto, e é bom que um ajuda o outro, eu sei que qualquer coisa que aconteça eu tenho eles aqui e eu posso contar. Se a gente não puder contar com a família... Porque família é isso, é tá ali nas horas boas e ruins”. (Beatriz)*

*“Meus irmãos, a gente é muito ligado um no outro, não só em época de festas, a gente tá sempre conversando, telefonando um pro outro, perguntando como é que tá. Eu acho uma coisa muito importante, porque eu também tinha pai e mãe, minha mãe eu perdi fez um ano agora em abril, meu pai já tem 2 anos que eu perdi ele, então quando a gente perdemos os nossos pais, a gente sentiu que precisava mais ainda se aproximar, porque o que mantinha o nosso elo, eu e meus irmãos, porque no começo a gente brigava muito, adolescente, moleque novo ainda, então a gente brigava muito, eu só*

*tenho irmão, não tenho irmã mulher não. O último elo que ligava todo mundo foi a minha mãe, então quando ela morreu eu me senti, como filho do meio, eu me senti na obrigação de sentar com eles e ter uma conversa, porque antigamente tudo que acontecia com a gente, e a gente falava com a nossa mãe, aí eu falei 'e agora, sem a nossa mãe? O que a gente vai fazer? É cada um por si?' Aí eles falaram 'Não, o que é isso? Não pode', então foi a hora que a gente se unimos mais. Hoje em dia a gente tem um diálogo mais aberto um com o outro, se um tiver passando uma dificuldade, um passa pro outro, uma coisa que a gente não tinha. A gente tá só realizando o sonho que a mãe da gente deixou, que era sempre ver a gente unido, nunca ver a gente separado um do outro. Eu e meus irmãos nunca tivemos briga pra ficar dois dias sem se falar, briga violenta nunca tivemos também, vai ver porque o amor que a minha mãe dava pra gente era tão grande, meu pai também." (Antônio)*

*"Olha, a família é a coisa mais importante que tem, se você não se der bem com a sua família, você... É claro que toda família tem seus problemas, mas isso também faz parte. Eu acho que, por pior que seja, é onde você encontra carinho e amor, é onde você vai encontrar o abrigo, porque precisar a gente precisa, um dia sempre precisa". (Geraldo)*

Em seu estudo, Pecego (1999) também encontra no afeto e na união valores supremos no enfrentamento das agruras do dia-a-dia. O afeto figura, então, como forma de solidariedade, constituindo um laço social necessário como estratégia de sobrevivência, importante também na afirmação da identidade.

Uma vez que a mulher é quem geralmente é acolhida pela família do marido, possivelmente os laços então constituídos tornam-se mais fortes do que aqueles que as unem às suas próprias famílias, conforme revelam os relatos a seguir:

*"Eu tenho um relacionamento com a família dele, família dele que eu digo é a irmã dele e a prima. A mãe eu hoje em dia evito ela, porque ela é uma pessoa que já me infernizou muito, então hoje em dia eu ignoro pra mim não me aborrecer. As tias dele eu gosto de todo mundo, todo mundo gosta de mim, os primos vêm aqui na minha casa, eu trato melhor do que a minha família, é como se fossem minha família, melhor que eu digo porque a minha família não frequenta a minha casa como a família dele frequenta, então assim, quando tem churrasco é a família dele que vem, quando tem almoço é a família dele que eu chamo. Eu chamo a minha família mas a minha família não participa muito, então eu sou mais envolvida com a família dele do que com a minha família. Eu falei até com a minha cunhada que eu vivi 14 anos com a minha mãe e convivo com eles há 11, então é... é uma vida né, quase o mesmo tempo que eu vivi lá eu tô vivendo aqui. Se brincar eu vivo muito mais do que o que eu vivi com a minha mãe. Então o meu relacionamento com a família dele, o pessoal em geral gosta muito de mim, o meu problema mesmo é com a mãe dele, e ele também se dá muito bem com a minha mãe, ela não se mete na minha vida nem na dele, e a gente leva". (Patrícia)*

*“Com a minha família eu não tenho muito com quem contar, eu tinha a minha sogra, que ela era meu braço direito, aí agora, assim, é um conta com o outro. Quando eu preciso de um conselho, meu cunhado e a minha cunhada são evangélicos também, passaram por muitos problemas no casamento, em tudo né, quando eu tô precisando de algum conselho eu ligo, conto o que eu tô passando, aí eles vêm com uma palavra, me consola, me faz ver que sempre há uma luz no fim do túnel, e quando a gente precisa de alguma coisa que eles podem nos ajudar, eles nos ajudam...” (Gabriele)*

*“A minha tia, eu tenho contato com ela, de vez em quando eu vou lá. Por eu ter agora uma vida muito corrida, não dá tempo de eu ir lá, de vez em quando eu vou lá, mas a minha família não é tão apegada como eu sou com a família dele, como eu sou com os meus cunhados, como eu era com a minha sogra, não sei por que”. (Gabriele)*

Gabriele foi a única a demonstrar uma relação amistosa com a sogra, a quem se refere como sua “segunda mãe”:

*“Ela me ajudava muito, ela fazia essa parte, que ele não me ajudava em nada né, aí no dia que eu precisava trabalhar, eu não tinha ninguém pra ficar com as crianças, ela ficava; eu precisava ir a algum lugar, não tinha ninguém pra ficar com as crianças, ela ficava, por exemplo, saía e precisava deixar a roupa lavando na máquina, aí preciso de alguém que estenda, ela estendia pra mim, e hoje ele faz”. (Gabriele)*

Mas que implicações a solidariedade familiar traria para a conjugalidade dos casais em questão? Penso que o apoio estrutural recebido das famílias logo no início de casamento seja algo fundamental em qualquer classe social, mas nas camadas mais baixas tal auxílio aparece mesmo como condição para viabilizar a nova constituição familiar.

### **Quem casa quer casa**

Del Priore lembra que fatores como a vida rural, as elites iletradas, a falta de bibliotecas e escolas, o escravismo, a formação de famílias mestiças e portadoras de hábitos e valores diversos e o hibridismo cultural determinaram o tom das representações sobre os afetos e os amores no Brasil colônia.

A vida privada, que ia sendo construída no Velho Mundo como o lugar das relações amorosas, encontrava aqui obstáculos diante da realidade cotidiana. “(...) as casas de outrora ensejavam (...) pouquíssimas oportunidades de vivências privadas.

Vizinhanças de parede-meia, cafuas cobertas de capim, casas senhoriais repletas de agregados, escravos e parentes; enfim, não era sob estes tetos que os amores medravam com liberdade” (p. 23).

Diferentemente do que ocorria na Europa, na colônia os sentimentos não articulavam-se com a emergência do amor romântico e da família burguesa.

“Nossas referências amorosas não parecem saídas de um quadro de William Hogarth, em que casais enlaçados contemplam ternamente os filhos brincando em frente da lareira. Aqui, os sentimentos como que transpiravam das comunidades; as casas eram invadidas pelo olhar dos vizinhos, pela fala das comadres, pelos gritos das crianças que circulavam entre os domicílios. Os sentimentos afluíam diretamente da experiência concreta” (p. 23).

Sarti (2003) concebe a casa como o lugar onde o casal realiza o projeto de ter uma família: “Com o casamento, o ideal é a formação de um núcleo independente, porque a família precisa de uma casa, aliás, condição para viabilizar uma família: quem casa, quer casa” (1994, p. 47). A casa representa o espaço no qual é permitida a realização dos papéis centrais da organização familiar: o de pai de família e o de mãe/dona de casa, padrão que pressupõe o papel masculino de prover teto e alimento.

Conforme foi visto, o projeto de ter uma casa para iniciar a vida conjugal nem sempre é alcançado e o casal acaba tendo de morar com os pais de um dos cônjuges, situação sempre concebida como provisória, mas que às vezes se prolonga indefinidamente. Sendo assim, o casamento não promove, necessariamente, um desligamento dos vínculos familiares, posto que continuam a existir obrigações mútuas e, mesmo quando se realiza o plano da casa própria, a noção de família sempre envolve uma rede de parentesco mais ampla, ultrapassando os limites da casa.

*“Aí a gente tem que viver a nossa vida, é que nem eu falo pra ele, que ele espera acontecer as coisas pra gente tomar o nosso rumo. Porque tem aquele ditado: quem casa quer casa, né, então relação mesmo a gente não tem muito não, eu acho que só vai ter mesmo quando a gente tiver a nossa casa, ela na casa dela e eu na minha, e só de visita, só de passagem.” (Fernanda)*

*“Algumas coisas eu tô satisfeita sim, porque eu tô com o homem que eu amo, eu tenho um filho maravilhoso com ele, mas por outras coisas não, porque eu pensava que depois que eu ganhasse o meu filho ele ia arrumar um canto pra gente ficar, que a gente não ia viver nessa vida...” (Fernanda)*

Pecego (1999) encontrou no ideal de família de uma comunidade pobre da zona sul do Rio de Janeiro padrões que prezam a intimidade do núcleo familiar e a

privacidade de seus integrantes, o que pode ser incentivado pela proximidade local com padrões de classe média e alta, o que também é o caso da Rocinha, situada em um dos bairros mais nobres da zona sul carioca. Assim, a situação - bastante comum - de famílias numerosas dividirem pequenos apartamentos vem a se conflitar com valores que privilegiam a demarcação da intimidade e a privacidade. Tais valores, incorporados das camadas dominantes esbarram, portanto, na realidade cotidiana desta população.

Em pesquisa realizada com famílias de baixa renda da favela de Vigário Geral, Kallas (1992) também constatou a existência do ideal de família conjugal dos segmentos medianos presente nos segmentos populares, ainda que, nesses últimos, outras formas de associação conjugal se façam legítimas em resposta à precariedade das condições de vida.

Esses ideais transpostos de outros segmentos sociais também foram encontrados na Rocinha. Ao desejo de privacidade e intimidade, soma-se o anseio por “liberdade” para usufruir daquilo que somente se pode fazer em um “cantinho que seja seu”, o que fica evidente no relato de Fernanda, a única das entrevistadas que ainda mora na casa da sogra:

*“Ele tem os amigos dele, e os amigos gostam de fazer um almoço em casa, um churrasco, uma bagunça, então aqui a gente já perde a nossa liberdade, porque se a gente trazer uns amigos aqui ela já reclama, tudo ela reclama, a gente não tem liberdade, a liberdade que a gente tem é no quarto, é entrar e sair, porque é trancado, mas na casa mesmo a gente não tem, de receber uma família, um amigo, as pessoas que a gente gosta. (...) Eu queria sair, e a hora que ela quisesse ir lá em casa ela podia ir, a hora que eu quisesse vir ela me recebesse, mas eu na minha casa e ela na dela. (...) Tudo de bom e de melhor é quando eu fecho a porta do meu quarto e só tá nós três aqui. Quando não tem ninguém em casa é uma paz, mas sempre tem um pra tirar o nosso sossego, mas só assim mesmo, ou então quando a gente tá longe daqui, quando vai passear...”*

Mas mesmo nos casos em que a casa deixou de ser um projeto, tal fato não conferiu a tão esperada garantia de privacidade. A queixa por mais espaço perpassa todos os depoimentos. Se antes o ideal era a casa, agora urge a construção de mais quartos, seja porque a família cresceu, seja porque ainda não foi possível terminar aquilo que já estava planejado.

*“Moramos eu, meu marido, o B.(filho) e os meus dois filhos. Eu acho muito apertado, sabe, eu gostaria que fosse maior, que tivesse quarto pros meninos, não que não tenha aqui, tem, mas é pequeno, o berço do bebê fica aqui no meu quarto, daqui a pouco ele vai crescer, aí vai pro quarto dos meninos, vai ficar mais apertado ainda.” (Beatriz)*

*“Uma casa que eu já to procurando providenciar é uma casa de dois quartos, que eu possa botar eles, pelo menos um quarto pra eles, ideal mesmo era que fosse três, mas pelo menos dois tá bom”. (Gabriele)*

*“Não, é muito pequeno. Agora a gente tá fazendo 5 quartos lá em cima, cada um vai ter o seu quarto. Agora aqui só tem dois quartos. Na época a família era pequena, aí foi crescendo e a gente foi acomodando.” (Ana Maria)*

*“Na minha casa só tem um quarto, aí não tem o espaço que eu preciso né, que é um quarto pras crianças (...) Tem dias que, tipo assim, eu boto um colchonete no chão pras meninas, ele (filho) dorme comigo, agora tem dias que, até no frio, o C. liga o ar condicionado e eu não posso por causa da minha garganta. Tem dias que ele dorme lá na sala, tem dia que bota o colchonete pras crianças lá na sala, a gente faz assim.” (Gabriele)*

*“Quando tá calor a gente liga o ar e dorme tudo junto, só tem um ar pra todo mundo. No verão tá todo mundo junto quase todo dia.” (Fátima)*

Muitas vezes pais e filhos precisam dormir juntos, o que seria inimaginável nas camadas média e altas, sendo este fato bastante utilizado como justificativa para atribuição da qualidade de “promíscuas” a estas famílias. Quanto a isso, Fernanda, que dorme com o marido e o filho na mesma cama, respondeu da seguinte maneira ao ser perguntada sobre a possibilidade de vida sexual do casal:

*“(...) Mas isso não tem problema, que eu respeito ele, eu pego e forro uma caminha lá na sala pra ele.”*

### **Oficializar ou não a união**

Atualmente, os valores em torno dos quais se organizam os casamentos legitimados oficialmente, as coabitações, e os recasamentos, são basicamente os mesmos. Antigamente existia um único modelo de relacionamento conjugal socialmente aceito. Hoje, assim como antes, temos variações deste modelo, no entanto estas variações são aceitas como formas de conjugalidade legítimas, pouco diferindo entre si.

Vimos que, apesar dos esforços da Igreja (Figueiredo, 1997; Del Priore, 2005), desde os tempos da colônia a maioria da população vive em concubinato. Del Priore (op.cit) afirma que os casamentos consensuais conjugavam certa estabilidade, tão almejada nos matrimônios oficiais, com sentimentos que deviam ser mantidos distantes do espírito religioso. Assim, “o convívio familiar dos grupos populares mesclava certa mistura efervescente de valores tradicionais e transgressão” (p. 57), uma vez que tais uniões eram vividas publicamente, os cônjuges compareciam à igreja para cultivarem o espírito religioso, e as mulheres eram tratadas com zelo.

Sob o olhar de Danda Prado (1983), nas camadas de baixa renda seria mais comum o “casamento de fato” do que o “de direito”, aquele juridicamente estabelecido. Neste caso, a união, mais do que uma inovação contestatária aos costumes antigos, conforme ocorre nas demais camadas sociais, configuraria uma “estratégia de sobrevivência”. Tendo em vista a inexistência de bens materiais, torna-se desnecessária a legalização da união.

“Nesse nível de subsistência, em realidade ora o homem abandona a mulher, mesmo grávida ou com filhos, ora ela não quer sustentar um homem que não tem perspectivas de trazer-lhe alguma vantagem social ou econômica. Essa união sem compromissos facilitar-lhe-á uniões sucessivas, sempre em busca de um companheiro que divida com ela as responsabilidades domésticas, segundo o modelo idealizado da burguesia” (p. 22).

Foi possível observar que existe atualmente entre os pobres um desejo de oficializar a união, ao menos juridicamente, já que uma cerimônia religiosa requer maiores gastos. E tal decisão não parece se basear em interesses de ordem econômica, especialmente depois da Lei da União Estável<sup>3</sup>.

Dentre os entrevistados, somente uma mulher é casada segundo os ditames legais e religiosos. Mas todos identificam-se como casados, já que moram juntos. No entanto, entre as mulheres, é evidente o desejo de “casar no papel”. A única que revelou preferir a situação extra oficial, acabou por demonstrar uma ambigüidade em seu discurso ao admitir sentir-se incomodada com a falta de aceitação social de uma união que já é reconhecida aos olhos da lei.

<sup>3</sup> Lei no 9.278, de 10 de maio de 1996, segundo a qual “É reconhecida como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família”.

*“Porque a lei protege mais a mulher do conjugo, segundo os advogados tem mais... é... mais segurança do que com o papel. E eu acho que tá certo mesmo, porque às vezes a gente tá junto, quando casa no papel aí vem um monte de coisa que quando a gente é... se junta, fica pior, né. A pessoa quando mora junto eu acho que tem mais segurança, tem mais a ver com tudo, e aí você não é dono daquela pessoa, porque a gente tem mania de dizer ‘sou dono’ e cria uma série de egoísmos pessoais. Ninguém é dono de ninguém, cada um tem o livre arbítrio de ir e vir. (então é melhor?) Com certeza. Porque se a gente tem filho o nome do pai vai, não adianta... eu acho que é a mesma coisa. E depois pra casar e pra descasar é pior ainda. Então no conjugo é melhor você tá junto porque cada um vai pro seu lado”. (Ana Maria)*

*“Até hoje elas (cunhadas) me têm como mãe dos filhos dele. Pra pessoa que não entende, que é leiga no assunto, eu não tenho direito a nada. Elas não entendem, tanto que eu mando elas procurarem se atualizar, eu procuro sempre falar isso pra elas. Porque esses dias eu fui buscar o meu filho lá na casa delas de férias, e ela me apresentou como mãe dos filhos dele. Isso aí também machuca um pouco, né”. (Ana Maria)*

É como se o casamento oficial conferisse reconhecimento à mulher, valorizando-a e legitimando um lugar que já é seu de fato. Para o homem, não faz diferença, a menos que ele seja religioso.

*“Eu tomei essa decisão mais por... vontade dela também né. O sonho de toda mulher é ser uma mulher casada né, é tradição da mulher. Pra mim eu já me sinto casado né, porque eu já moro com ela há 6 anos, temos 4 filhos, não tem nem porque eu falar que não sou casado, sou casado porque já moro com ela. E o casamento vai surgir mais por minha vontade e vontade dela. Mais pela vontade dela, ela quer porque quer casar, que a mulher tem esse desejo de casar assim. Eu também não faço questão não, por isso que eu vou casar.” (Antônio)*

*“Eu sempre falo pra ele que eu tenho uma vontade de casar mesmo, só que ele diz que só Deus sabe, tudo pra ele só Deus sabe, depois que ele entrou na igreja, só Deus sabe. A gente tem uma amiga que sempre conversa comigo, ela diz que ele tem vontade de casar, mas com uma mulher de Deus, que corresponde ele, mas eu digo pra ela, eu não vou dizer que eu sou uma mulher de Deus porque eu não frequento a igreja igual ele frequenta, mas no dia que Deus tocar no meu coração, que eu tenho que entrar, firmar, tudo isso... Aqui também eu nem vou pra igreja porque eles tudo falam que eu vou atrás de homem, até eu me arrumando pra ir pra igreja... Então eu acho que se a gente tivesse na nossa casa, eu estaria firme, porque eu fiquei um pouco afastada, depois voltei, fiquei afastada de novo, mas um dia eu chego lá.” (Fernanda)*

Isso parece endossar a afirmação de Sarti, segundo a qual “o casamento legal e o religioso são considerados superiores à união consensual, conferindo maior respeitabilidade ao casal e legitimidade ao lugar de marido e de esposa” (p. 84).

### **Concepção de casal**

Encontrei entre os moradores da Rocinha uma concepção de casal enquanto relação de ajuda, um “ter alguém com quem contar” nas horas difíceis, horas que não são raras no universo em questão. É um “ter alguém” que pouco diz a respeito das delícias da vida a dois, mas sim do apoio necessário para enfrentar as agruras do dia-a-dia.

*“Casal é assim, não ser mais um só né, a gente não pode pensar só na gente mesmo, porque é os dois né, a gente tem que pensar em si e pensar no outro, um ajudar o outro, compartilhar com o outro tudo né, e todas as coisas, se você tá passando por um momento difícil, o outro ajudar.” (Gabriele)*

*“O casal é carinho. Eu penso no casal quando você tá doente, quando mais precisa tá ali do seu lado entendeu, pra te ajudar, na hora mais difícil, na hora mais ruim, tá ali junto, entendeu, porque tem mulher que quer tá do seu lado no lado bom, quando tá ruim, ela mete o pé, rala peito. Então, na hora da doença, Deus me livre, se amanhã acontecer alguma coisa comigo, eu sei que ela vai tá ali do meu lado. Então eu vejo amor por aí, nos momentos ruins e nos momentos bons. (Ricardo)*

Não por acaso, o companheirismo foi citado como valor essencial:

*“Casal pra mim é companheirismo. Acho que é isso, ser companheiro um do outro.” (Beatriz)*

O depoimento de Patrícia, expulsa de casa pela mãe aos 14 anos, grávida do namorado, depois de ter sido abusada pelo pai na infância, nos dá a noção da importância que tem o casamento na vida de uma mulher sem referências de vivência familiar satisfatória. Ter um marido, para ela, significa desfrutar da proteção que não teve do pai ou da mãe, bem como representa uma possibilidade de afeto, o que também encontra nos filhos.

*“Eu acho que é legal você ter uma pessoa do seu lado que você sabe que gosta de você, que quer o seu bem, que te ama, ainda mais eu que nunca tive ninguém, do meu lado, a não ser os filhos né, que a gente sabe que filho ama mesmo e não tem falsidade. Hoje em dia eu me sinto protegida assim com ele, sabe..., eu me sinto feliz. Eu acho que casamento é legal a partir do momento que tenha compreensão e, principalmente, o companheirismo”.*

Como que numa tentativa de reverter a visão de que a violência conjugal é fato corrente na classe baixa, que os problemas são solucionados via agressividade, em lugar da racionalidade, esses casais exaltam o valor do diálogo e do respeito. Mesmo quando as desavenças são muitas, estes representam valores almeçados, ainda que, na prática, seja um pouco diferente.

*“Acho que o primeiro de tudo é o respeito entre os dois, que se não tiver respeito entre os dois, não existe casamento, tem que respeitar o companheiro pra ser respeitado. (...) É a convivência, todo mundo se respeitar, se ajudar.”* (Fátima)

*“Casal perfeito é quando não tem briga, um entende o outro, um fala e o outro escuta, mesmo tando errado, vai lá e entra num acordo, entendeu. É isso, mais unido, entendeu, eu acho que é isso, um tem que entender o outro.”* (Ricardo)

*“Teria que ter muito amor um pelo outro, muita conversa, botar os pontos nos is, se algum dos dois tivesse errado, chamasse pra conversar, muito diálogo, mas é impossível, porque o ser humano é uma pessoa muito egoísta, ele cria uma série de egoísmos pessoais, e aí é que destrói tudo, não tem como dizer modelo não, é difícil. A convivência a dois é ruim, difícil.”* (Ana Maria)

*“A gente bate de frente, às vezes ela não concorda com uma coisa, eu também não concordo. Fazendo uma comparação, às vezes eu chego pra ela e falo: ‘isso aqui tá errado’, aí ela fala, ‘não isso aqui tá certo, a gente tem que fazer desse jeito’, e eu falo que não, ‘ó, você faz a sua que eu faço a minha que a gente vai dar certo, porque como você tem as suas imperfeição eu também tenho as minhas imperfeição’. Eu, tipo assim, eu não dou o braço a torcer, mesmo estando errado, às vezes eu peço desculpa, às vezes ela também pede, mas a gente tenta lidar com isso da melhor forma possível, sem violência também né, porque a violência não vai adiantar nada, no tapa, aí vai piorar a situação, pode até prejudicar os meus filhos, que eles vê aquele combate ali né, já não acha tão legal, vai criar aquele trauma. Uma coisa que o meu pai e a minha mãe não deixou a gente passar, então isso eu quero passar pros meus filhos também”.* (Antônio)

Nesse sentido, houve até quem procurasse ajuda através de terapia de casal, numa evidente referência à importância da verbalização e da elaboração de emoções,

típica das camadas superiores, e que agora também começa a perpassar a classe popular, porém de maneira ainda sutil.

*“Diálogo. A gente conversa, geralmente. Claro que de vez em quando tem umas brigas, mas a gente evita, principalmente por causa das crianças. E agora que ele tá... nem convém dizer (sobre o fato de o marido ter parado de beber e estar freqüentando o A.A.)... agora é mais fácil conversar, porque antes era mais difícil. A gente procurou ajuda, começamos até a fazer terapia, eu gostei muito.” (Beatriz)*

As brigas, segundo os entrevistados, já fizeram parte do cotidiano, mas ficaram no passado.

*“Antigamente era briga feia, eu saía quebrando tudo dentro de casa, televisão, CD, DVD, rádio, agora não, a gente bate boca, ele vai pra rua pra não brigar mais, aí quando volta ‘quer jantar? Não. Quer jantar? Quero’, deita, vai dormir, mas depois passa.” (Fernanda)*

*“Ele era muito ciumento. Eu não podia falar com ninguém na rua, não podia piscar o olho, senão ele me agredia. (...) E a gente vivia separando porque, assim, porque quando ele me agredia tinha vez que eu ficava muito p. da vida, aí ia pra casa da minha mãe, aí ficava lá um tempo, ele ia atrás de mim, a gente voltava e ele prometia que não ia fazer mais. E assim, era briga mesmo e tacar coisa um em cima do outro, pegar faca, pegar tesoura, e bater mesmo de tirar sangue e machucar. Agora não, melhorou bastante, não tem mais isso.” (Patrícia)*

Esses achados coincidem com a concepção de família encontrada por Kallas (1989) em seu estudo sobre famílias de baixa renda, noção esta que preconiza valores como união, respeito e ajuda mútua. Tal fato nos sugere a existência de pouca diferenciação entre as noções de casal e de família que circundam as classes baixas, o que não nos surpreende, uma vez que não encontramos nos sujeitos aqui estudados referências à vivência da conjugalidade independentemente da parentalidade, conforme veremos no próximo tema.

### **Interesses Familiares X Interesses Conjugais**

Sabemos que, na classe média carioca, a concepção de casamento predominante tem um enfoque individualista, privilegiando o indivíduo em detrimento das relações em família. Conforme assinalou Fères-Carneiro (1998), os

relacionamentos conjugais nas sociedades ocidentais modernas são mais valorizados e priorizados que as relações sociais e familiares mais amplas.

Observei que isso não ocorre na classe baixa. Ali, os interesses familiares se sobrepõem à conjugalidade e à individualidade. O lazer dos casais sempre inclui os filhos e os projetos referem-se ao todo familiar em primeiro lugar.

*“Ah, é difícil. No começo ia né, no começo a gente saia muito junto, quando não tinha ele (filho), mas agora não, agora a gente leva ele, leva amigo, levo irmão, levo mãe, quando quer ir, entendeu. Agora só junto, difícil sair sozinho”. (Ricardo)*

*“Final de semana, não são todos, mas a gente sai, vamos almoçar fora, levamos as crianças..., com as crianças, passeio de criança até que a gente não faz muito não, a gente tá sempre saindo assim, pra almoçar fora..., só, mas passeios infantis assim é difícil. É como eu te falei, eu não tenho com quem contar né, aí tudo onde a gente vai eu levo os três”. (Gabriele)*

*“Depois que a gente tivemos quatro filhos ficou meio difícil né, a gente curtir nós dois, a dois né, nunca mais curtimos, pra ser sincero, não. Às vezes a gente vai pra praia, mas sempre tem um com a gente, mas a dois mesmo, depois que a gente tivemos quatro filhos nunca conseguimos ficar a dois só.” (Antônio)*

Em seu estudo sobre a moral dos pobres, Sarti (2003) atesta que ainda hoje, na população pobre, se mantém a força simbólica dos padrões patriarcais e seus valores tradicionais. Ela concorda que exista o conflito entre família e individualidade, mas afirma que nestes casos ele é pouco acentuado, prevalecendo o todo (a família), ou seja, as obrigações em relação aos familiares, sobre as partes (os indivíduos, os projetos individuais). Geisler (2004) compartilha da mesma opinião, afirmando que, nas populações faveladas, a existência individual orienta-se por uma perspectiva mais holista.

Observei que a noção de família e as questões de ordem prática dela decorrentes dificultam, quando não inviabilizam, a vivência de momentos exclusivamente do casal. Os programas a dois só foram mencionados por uma das entrevistadas, Patrícia, de 25 anos, e só vieram acontecer após 10 anos de casamento, separações e traições de ambas as partes, num indício de que foram necessários ajustes e negociações para tanto.

É curioso notar que, embora pouco acentuada, é possível encontrar certa influência de valores individualistas, especialmente entre os homens, já que estes conseguem trazer referências de uma vida para além do casamento, como os encontros “só de homens”, a pescaria, a cervejinha no bar para aquele que bebe, momentos dos quais mulheres e crianças são sumariamente excluídos.

*“De sair assim, sozinho, acontece mais comigo, com ela é mais difícil. Às vezes eu vou à praia sozinho, vou..., até viajei sozinho... ela, no máximo que ela vai é numa festinha dentro da comunidade mesmo com as crianças, então não tem nem como ela ficar sozinha né”. (Antônio)*

Mas o mesmo não ocorre quando falamos do conflito entre família e conjugalidade. Nesse caso, a conjugalidade perde espaço, aliás, não perde, uma vez que nunca teve. Na favela, a referência familiar é muito forte, a individual está se delineando, e a conjugal ainda encontra fortes barreiras, sendo suplantada pelas outras duas.

### **Alcoolismo Masculino**

No universo estudado, muitos homens apresentam ou já apresentaram problemas com o abuso de bebidas alcoólicas, o que acaba trazendo influências negativas para a relação conjugal. Dos entrevistados, todos, exceto um, freqüentam atualmente algum grupo de Alcoólicos Anônimos. Aquele que não freqüenta faz uso regular de álcool. No discurso feminino as queixas em relação ao alcoolismo masculino são freqüentes.

*“Ah, eu..., não sei, eu gostei muito dele, assim, da pessoa dele, sabe ele era... ele é ainda, mas agora depois que eu tive meu filho eu acho que tudo mudou, porque na época que eu conheci ele, ele não bebia, aí teve uma época que ele começou a beber, depois que eu tive o meu filho ele começou a beber, aí era muita briga em casa, eu ia atrás dele na rua, ia atrás dos meus amigos atrás dele, aí depois que teve a morte do irmão dele que ele parou de beber. Aí hoje a gente tá bem, ele tá na igreja, de vez em quando eu vou”. (Fernanda)*

Marcelo, que é casado pela 4ª vez e parou de beber há quase um ano, conta que todas as relações foram permeadas por conflitos ensejados pelo álcool. Desta vez, pretende fazer durar a união, já que, espera, a bebida não mais atrapalhará.

*“(...) Porque agora que eu parei de beber muita coisa mudou, muita coisa mesmo. Antigamente eu não saía da rua, ficava aí com os amigos, essa hora assim eu jamais taria em casa, eu tava lá no bar com os amigos bebendo, aí chegava tarde em casa e já era aquela discussão... então era muita briga, ela não gostava e hoje eu entendo o lado dela, tanto que eu cheguei em casa agora, mas foi porque eu tava na reunião (AA), ela sabe, vim direto pra casa, se fosse em outra época... Aí tem as mulheres também, porque a bebida, sabe como é né... Mas Graças a Deus hoje eu tô bem e pretendo ficar assim com ela, espero que este seja o meu último casamento mesmo”.*

Para as mulheres, o controle do vício dos maridos representa um alívio, pois a bebida impede que o homem cumpra satisfatoriamente os papéis conjugais e familiares. Segundo Sarti (2003), não basta “botar comida dentro de casa”, pois o homem, quando bebe, perde a moral. E a queixa feminina vai além do não cumprimento do papel masculino de provedor; ela passa pelo ciúme, pela perda do companheirismo, pelo desgaste da imagem diante dos filhos.

*“O lazer dele é sair com os amigos pra beber e só chegar de manhã. E eu fico dentro de casa, eu não vou sair com filho pequeno, é impossível. E eu falo com ele ‘vamos sair com as crianças, sentar numa mesa, comer alguma coisa’, mas é impossível. (...) Como outro dia, o meu filho mais velho veio chorando, falou pra mim que um homem falou pra ele que ele era filho de um cachaceiro. Então isso atinge uma criança. E aí eu chamei ele e falei, porque aqui eu nunca entrei num bar, não tenho vício com bebida, também eu acho ridículo eu ficar fumando dentro de casa, porque eu não permito que os meus filhos fumem, eu digo pra eles que quem fuma é bobo. Mas por outro lado, eu já conheci ele bebendo, pensei que eu ia mudar ele, isso é um engano também. Ninguém muda ninguém se a pessoa não quiser. E eu falo pra ele, que ele já tá precisando de ajuda, porque já tá se tornando... tudo tem um motivo pra beber. Eu não queria que os meus filhos se criassem nesse meio não. E isso é de segunda a segunda. (...) Agora tu imagina a gente dormindo ao lado de uma pessoa cheirando a álcool...”. (Ana Maria)*

*“Agora vai fazer 1 ano que ele não bebe mais, graças a Deus, aí melhorou mais ainda né, agora ele ainda vai em festa e tudo, mas diminuiu bastante, agora que ele não bebe mais tem até festa que ele não vai. Eu falo ‘vamos, filho’, e ele fala ‘ah, não, vai ta muita bagunça, a gente com criança, não vamos não’. A gente sai agora mais durante o dia, onde a gente possa levar as crianças. Aí agora que eu tô vendo o que que é um casamento né, depois*

*que ele parou de beber ele me ajuda muito, antes ele não ajudava”.*  
(Gabriele)

*“Eu sempre... quando a minha mãe casou, o meu pai bebia muito, aí se separaram, aí eu sempre disse, ‘se for pra mim casar e viver uma vida desse jeito, eu prefiro ficar solteira’...”* (Fátima)

Dos que freqüentam o AA, dois passaram a freqüentar também a Igreja regularmente, o que também não ocorre na ausência de conflitos, já que, nesses casos, a conversão religiosa não foi acompanhada pelas esposas. Mas o alcoolismo parece muito mais ameaçador. Tanto que, D. Fátima, cujo marido não bebe, diz que “*É melhor ele ir rezar do que ir beber*”.

Vimos, portanto, que o alcoolismo é um fator de desagregação dessas uniões, o que pode ocorrer, e certamente ocorre, em qualquer camada social. No entanto, as conseqüências dessa dependência parece mais danosa para aqueles que possuem poucos recursos para lidar com tal situação. Na favela, os bares, botecos ou “biroskas” são o tipo de comércio mais comum, presentes em cada beco, cada viela, por menor que seja. Diante da falta de opções de lazer e dos percalços cotidianos, muitos se deixam inebriar para escapar temporariamente da realidade, deixando as esposas numa situação que mescla o desamparo e a indignação. Sabemos que muitos também recorrem ao uso de drogas, mas estas não foram citadas por nenhum dos entrevistados.

### **“Não sou mais disso...” - O Casamento para o Homem**

Enquanto para a mulher o casamento não constitui uma mudança drástica em termos das habilidades cotidianas, para o homem, casar-se significa deixar para trás uma vida sem maiores responsabilidades, ao menos em tese. Isto porque, na maioria das vezes, essa adaptação à nova realidade ocorre lenta e conflituosamente. Para Sarti (2003), o casamento para o homem significa “parar de zoar”. Segundo ela, este é um projeto que tem hora certa, quando o homem começa a pensar em namorar pra casar. E daí começa a se delinear a imagem do homem de respeito, o pai de família. Antes, os rendimentos do trabalho desperdiçavam-se em coisas sem importância, que não

levariam a nada, e era possível sair sem se preocupar em voltar pra casa. Agora existe alguém para quem prestar contas: a “patroa”.

No entanto, neste estudo não percebi o casamento enquanto projeto. A maioria dos homens casou-se porque a namorada engravidou. Em nenhum deles ficou evidente um desejo anterior ao fato. Ao que parece, o casamento foi algo que aconteceu em suas vidas, algo que não haviam planejado. Talvez isso explique a dificuldade de adaptação. Encontrei nos discursos femininos a queixa corrente de que os primeiros anos de casamento foram os mais complicados, pois o comportamento do homem não correspondia àquilo que é esperado de um marido, pai de família. O casamento não os tolhia de sair com os amigos e voltar tarde pra casa ou de se relacionarem com outras mulheres, bem como não garantia às esposas a presença de um companheiro dedicado.

Semelhante dificuldade não parece ocorrer com a mulher, uma vez que a gravidez e a chegada dos filhos impedem que ela continue a gozar de certos aspectos da vida de solteira.

*“No começo eu, meio que... não era o que eu esperava, mas agora, graças a Deus, tá entrando tudo nos eixos. Tipo assim, no começo ele parou de sair, porque a gente saía muito final de semana, direto, a gente voltava já com o dia clareando, isso enquanto a gente namorava, aí depois que eu engravidei, até um certo tempo a gente ainda saía, depois que eu já fiquei mais... aí eu parei primeiro e ele começou a parar também, aí a minha filha nasceu, depois de um tempo ele começou de novo, aí falava: ‘ah, vou sair com a turma, só vai homem, mulher não vai’. Durante muito tempo eu passei por isso. Aí tinha desculpa também por causa da menina: ‘não vai criança nenhuma, como é que você vai com criança pequena?’. Aí depois eu engravidei de novo, aí deu uma melhorada, ele achava que tinha que tá perto me ajudando, e antes ele não me ajudava, eu que tinha que cuidar deles sozinha. Ele cuidava assim: dava as coisas, trabalhava, mas saía de manhã pra trabalhar e só voltava de noite. Aí eu não agüentava muito não.(...) Aí quando a minha filha tava com 1 ano e 4 meses eu comecei a trabalhar. Aí depois que eu comecei a trabalhar foi melhorando um pouquinho a situação. Daí ele já tirava o final de semana pra gente sair, pra gente passear, coisa que a gente não fazia antes porque tinha essas desculpas de que só ia com amigo. Aí foi melhorando, depois caiu de novo, ele bebia né, tinha o negócio da bebida, mas aí melhorou os tempos, meia-noite, uma hora ele voltava pra casa, aí você sabe né, eu comecei a não aceitar, aí foi quando eu me tornei evangélica.” (Gabriele)*

*“Pôxa, tem certos momentos que eu acho que solteiro era melhor, mas certos momentos também, eu vejo que casado também é importante. Fica uma escolha meio difícil até da gente comparar, porque eu solteiro, eu tinha que comer na rua, eu tinha que pagar uma pessoa pra lavar minha roupa, então é diversas coisas que ocupava muito o meu tempo, e sendo casado não, eu tenho a minha roupa passadinha, eu tenho as coisas assim, tudo organizada, e eu solteiro também eu era muito doido, eu fazia certas loucura né, saía pra tudo quanto é lugar, curtia baile funk, perdia noite de sono, caía na bebedeira a noite toda, e depois que eu casei não, depois que eu fui morar com ela, eu fui diminuindo, até que eu praticamente parei com essas atividades. Eu gostava também de sair, hoje em dia eu não saio, de certa forma, tá sendo melhor pra mim assim. Já pensou se eu tivesse naquela vida ainda que eu tinha de solteiro? É... chegar todo dia bêbado, sem responsabilidade alguma, porque o dinheiro que vinha eu gastava tudo. Hoje não, a minha preocupação é porque eu tenho meus filhos, eu tendo meus filhos, o que acontece, eu sei que eu tenho que arcar com aquelas conseqüências ali né, porque eu tenho 4 filhos no mundo, eu não vou curtir uma vida de solteiro sabendo que eu vou deixar eles em dificuldade dentro de casa né, e eu tenho o carinho deles também, é isso que me faz também gostar da minha vida de casado né, porque eu tenho meus filhos. Hoje em dia é a coisa mais importante que eu tenho na minha vida. Antigamente praticamente eu não tinha nada, antigamente eu tinha meus pais, quando eu tivesse em dificuldade eu procurava eles, hoje em dia eu tenho o carinho dos meus filhos, a coisa mais importante que eu tenho no momento... ela também, ela também... mas meus filhos em primeiro lugar.” (Antônio)*

*“(...) antes eu chegava ele tava na rua, então hoje em dia ele é um marido presente, hoje em dia ele é um bom pai, a gente dialoga mais, a gente não briga, a gente conversa. Às vezes eu é que me exalto, eu quero brigar, ele não me dá trela, vai dormir, ou vai na rua depois volta, então a gente não briga mais. Ele mesmo fala ‘eu não sei como é que eu mudei tanto, eu mesmo não me reconheço às vezes’, sabe, ele mudou mesmo, assim, 95%, e hoje em dia a gente vive bem, o relacionamento é legal”. (Patrícia)*

O casamento parece conferir ao homem uma mudança significativa em termos de qualidade de vida. A esposa acaba por ocupar um lugar que a mãe já deixara de assumir. O casamento e a vinda dos filhos pressupõem novas responsabilidades, obrigando o homem a ter uma vida mais regrada, de modo que sobra pouco tempo para as farras e noitadas com os amigos. Mas essa mudança, conforme foi visto, é gradual, podendo levar anos. Assim, muitas têm a sensação de que os maridos estão “mudando” e essa mudança é quase sempre positiva. O início do casamento é relatado como uma fase conturbada, mas com o tempo “as coisas vão se ajeitando”. E

as mulheres discursam como se elas próprias estivessem “moldando” seus homens. O sapo um dia há de virar príncipe!

*“(...) agora ainda não está como eu almejo, mas eu tenho fé que vai ficar. (E como você almeja?) É assim, porque eu não sei se é porque eu quero ele sempre presente em tudo que eu faço, eu quero ele junto comigo, e ele ainda não está entendido, aí eu pretendo ver assim, ele caminhando comigo, a gente fazendo as mesmas coisas, coisa que ainda não está, mas vai ficar”. (Gabriele)*

*“Olha só: meu marido é daquele tempo da BatCaverna. (...) Mas hoje ele tá 100%, hoje ele pensa igual a mim, mas ele foi uma pedra muito difícil de ser lapidada”. (Ana Maria)*

A propósito, um samba bastante tocado na comunidade, cantado por Zeca Pagodinho, fala desta “transformação” tão desejada pela mulher:

### **Não sou mais disso**

Eu não sei se ela fez feitiço  
 Macumba ou coisa assim  
 Eu só sei que eu estou bem com ela  
 E a vida é melhor pra mim  
 Eu deixei de ser pé-de-cana  
 Eu deixei de ser vagabundo  
 Aumentei minha fé em Cristo  
 Sou bem-quisto por todo mundo

Na hora de trabalhar  
 Levanto sem reclamar  
 E antes do galo cantar  
 Já vou  
 À noite volto pro lar  
 Pra tomar banho e jantar  
 Só tomo uma no bar  
 Bastou

Provei pra você que eu não sou mais disso  
 Não perco mais o meu compromisso  
 Não perco mais uma noite à-toa  
 Não traio e nem troco a minha patroa

### **“Ruim com ele; pior sem ele” - O casamento para a Mulher**

Salem (1980) afirma que, para a mulher favelada, o casamento às vezes representa a única possibilidade de melhoria de vida, uma vez que confere a ela certa autonomia para dispor de sua vida, coisa não muito fácil quando se tem uma série de preocupações para com os pais e/ou irmãos desde muito cedo. As experiências de sofrimento da infância e da adolescência (muito trabalho, precariedade, abandono) propiciam a criação de uma série de expectativas que são depositadas no casamento e, conseqüentemente, no homem. A autora considera o casamento, nestes casos, uma estratégia, mais ou menos consciente, que visa um maior controle da mulher sobre sua existência. Decerto, esta estratégia tem resultados diversos, mas sejam eles positivos ou negativos, o casamento sempre representa um corte na vida dessas mulheres.

Assim, o casamento surge como a única possibilidade de fuga diante de uma realidade quase que insuportável, conforme podemos perceber através do depoimento de Patrícia, que conta o que a levou a casar-se:

*“Eu saí de casa... na verdade, eu engravidei com 14 anos, do M., a gente namorava e eu engravidei. Continuei em casa, ela não me colocou pra fora. Aí... um dia ele dormiu lá em casa porque ele estava doente, eu pedi pra ela, ela deixou, eu levei ele pra dormir na minha casa, e aí meu padrasto tava lá, e ela falou: ‘só avisa pra ele, que ele é o homem da casa’. A gente chegou lá e perguntou se ele podia dormir lá. Ele disse que sim, tranqüilo... e até ofereceu ajuda... No outro dia de manhã eu acordo com a minha mãe quase arrombando a porta, que ele tinha feito a cabeça dela dizendo que eu levei ele pra dormir e não falei nada com ele, e que ele era o homem da casa e que eu tava passando por cima dele. E aí a minha mãe veio igual a uma fera, bateu na porta, quase arrombou a porta... E aí quando eu abri a porta ela deu na minha cara, me bateu... Eu tava grávida de 2 meses... me bateu, disse que eu era uma desgraçada, infeliz, que eu tava acabando com o casamento dela, e que não queria mais que eu ficasse lá, que era pra eu ir embora. E aí foi aí que eu vim morar com o M., por causa desse episódio”.*

E quando o recurso ao casamento não se traduz em mudança efetiva na qualidade de vida, fica evidente a decepção.

*“Minha vida antes do casamento era um inferno, depois continuou um inferno. (...) Então assim, a minha vida sempre foi um inferno, de quando eu era criança, do convívio com a minha mãe, e aí arrumei um marido supimpa ainda pra me ferrar toda”. (Patrícia)*

*“Olha, toda mulher sonha com um vestido de noiva, um lar, ter uma casa, cuidar do seu marido, mas na verdade isso aí é conto de fadas. Porque tem umas mulheres que chegam a apanhar muito dentro da sua casa, não sai porque dedica a sua vida a seus filhos e a seu marido, acaba chegando a uma certa idade, não tem pra onde ir, não tem grau de estudo, não tem nada, e continua apanhando ali por causa de quê? De um teto e de um prato de comida. Essas mulheres eu chamo de covardes porque elas deveriam sair e bater o pé e dizer ‘eu tenho que conseguir, eu vou conseguir’. Foi o que eu fiz”. (Ana Maria)*

Mas apesar do descontentamento e do discurso pró-independência feminina, numa crítica àquelas que não têm coragem de pôr fim ao casamento, Ana Maria não admite a possibilidade de deixar o marido.

*“Th, eu já passei cada perrengue aqui, e não abandono ele por nada, não abandono. Nunca pensei, nunca vou pensar isso porque nas horas que eu mais necessitei ele esteve do meu lado, então eu nunca pensei de largar a minha família, e principalmente ele pra estar com outras pessoas, mesmo assim pra festa, essas coisas, eu não abandono ninguém da minha família pra sair em aventuras não (...) porque quando eu fiquei sabendo pela mulher dele mesmo que a família dele não prestava, que eles se separaram logo com um ano, eu falei ‘mas comigo vai ser diferente’, o viver deles vai conviver com o meu, porque eu não tô aqui..., ele não me achou numa zona, me achou dentro da casa da minha irmã, e eu já tive filhos dele, não vou sair com uma mão na frente e outra atrás, e outra coisa, eu vou lutar que é o pai dos meus filhos. E assim eu agüentei. Mas motivo pra sair eu tive, e tive muito”.*

Mesmo insatisfeitas, a separação como solução dificilmente é cogitada por essas mulheres, devido à preocupação com a criação dos filhos e também com a própria sobrevivência, fazendo com que se sintam forçadas a permanecer em uma união que, embora insatisfatória, assegura de algum modo sua subsistência.

*“Aí a gente brigava muito por causa dessas pequenas coisas, de ter que arrumar a casa, fazer comida, ele tinha muito ciúme, não queria que eu trabalhasse fora e eu sempre tive vontade de trabalhar desde que a gente tinha tido filho eu sempre quis trabalhar fora, e trabalho desde os 16 anos, até hoje, sempre trabalhei, tenho milhões de assinaturas na minha carteira. E... a gente brigava muito também porque ele não queria trabalhar, sempre foi muito acomodado, entendeu, aí a gente foi empurrando com a barriga, entre brigas e agressões, durante esses anos todos, eu sofri muito. Não tinha*

*o apoio da minha mãe, assim de voltar pra casa dela, porque ela tinha a vida dela, e eu já tinha o meu filho, eu não podia voltar pra casa dela pra viver o que eu tinha antes. Meu pai não morava aqui, meu pai tinha ido embora com outra família, quer dizer, eu não tinha o apoio de ninguém, não tinha a minha independência financeira, eu ia pra onde com um filho? Ia sempre me sujeitar àquilo, e eu gostava dele independente de qualquer coisa”. (Patrícia)*

Sob uma perspectiva psicanalítica, a separação remeteria a uma perda mais primitiva, fazendo com que o sujeito reviva as suas primeiras separações, regredindo a estágios iniciais de sua vida, fortemente marcados por tais rupturas. Segundo Vilhena (1988a), “a separação envolve não apenas uma ferida no narcisismo, mas também na objetividade que é profundamente afetada” (p. 36). Assim, essas mulheres que, conforme vimos, passaram por significativas perdas ao longo da vida, perdas que vão além daquelas necessárias, possivelmente optam por não atualizarem tal sofrimento. É preferível - ou mais suportável - lidar com as agruras do casamento do que mexer em feridas profundas. A separação implicaria não somente a desvinculação conjugal, mas também o esfacelamento desta família idealizada e construída, e de tudo o que ela significa.

Salem (1980) ressalta que as conseqüências da separação para a mulher favelada são mais drásticas, já que ela não costuma recorrer a instâncias impessoais, como a do direito. Assim, a possibilidade de receber a pensão alimentícia que lhe caberia fica à mercê da vontade ou da possibilidade do homem e, na maioria das vezes, não se concretiza.

Contudo, isso não significa que as separações sejam incomuns. Alguns estudos (Mello, 2003; Pacheco, 2005) chegam a ressaltar a fragilidade e instabilidade dos laços conjugais nas camadas populares.

Apesar dessa resistência feminina, Pacheco (op. cit.) constatou em sua pesquisa que, na maioria das vezes, a decisão pelo rompimento parte da mulher. Os comportamentos masculinos violentos, causados pela utilização de drogas, ciúmes ou por outros fatores, quando constituem ameaça à mulher ou aos filhos, levam-na a sair de casa com eles deixando tudo para trás, o que dificulta e retarda sua decisão. E quando é o homem quem resolve deixar o lar, em geral a decisão está associada ao seu envolvimento com outra mulher. Segundo a autora, é mais comum que isso

aconteça quando as relações são recentes, não legalizadas, ou envolvem gravidez não planejada.

O casamento também surge para essas mulheres como possibilidade de realização de um ideal de família que não tiveram. É como se a família por ela constituída viesse para preencher este lugar. Assim, podemos ter uma idéia do volume de expectativas depositadas no homem e nos filhos. Dentre as entrevistadas, apenas uma não é filha de pais separados. Todas as outras sofreram de alguma forma com a instabilidade dos vínculos parentais, sendo provenientes de lares que passaram por seguidas rupturas.

*“Família é tudo pra mim, acho que família é a base pra vida, pra tudo. Eu fico feliz hoje de ter uma família, porque eu não tinha né. Então hoje em dia eu tenho uma família, eu tenho meus filhos, tenho o meu marido, e seu eu também não tiver mais tarde o meu marido eu também não vou morrer porque eu tenho os meus filhos”. (Patrícia)*

*“Eu acho que Deus vê a nossa carência e nos supre com outra coisa né, e foi assim que foi comigo, eu não tive a minha mãe e ele me supriu com outra, eu não tive uma família e ele me supriu com os meus filhos, meu marido, que, tipo assim, ele tinha esse problema dele da bebida né, mas em compensação é uma pessoa ótima, muito boa, às vezes eu até falo que ele é bom até demais com as pessoas (...) Eu acho que hoje é melhor, porque, igual eu falei, eu sentia muita carência de família, eu vivia com a minha tia, tinha essa brigalhada, ela com o marido dela, e eu sentia muito assim, falta de uma família”. (Gabriele)*

Algumas vezes o casamento é vivido como um fardo na vida da mulher, o que também foi constatado por Salem (1980). E esse peso é proveniente da responsabilidade para com marido, filhos e, principalmente, com a dupla jornada.

*“Foi assim, meus pais se separaram eu tinha 9 anos, de lá pra cá eu sempre trabalhei. Eu fui trabalhar em casa de família, eu sempre trabalhava e morava no emprego, aí eu saí da minha terra e vim pro Rio, continuei trabalhando em casa de família. Eu acho que a mulher tem mais responsabilidade depois de casar, que é marido, casa, filhos, então pra mulher é mais difícil, tem mais responsabilidade. Tipo assim, meu marido sai de manhã pra trabalhar, aí eu coloco os filhos pra escola... e aí eu começo... e ainda vou trabalhar!” (Fátima)*

De acordo com Kallas (1992), as famílias de baixa renda estruturam-se de maneira predominantemente hierárquica, complementar e segregada, opondo-se

assim ao ideal de família igualitária descrita por Figueira (1987). Percebi que o padrão hierárquico continua balizando as relações familiares mas, ao contrário de Kallas (op.cit), encontrei algumas mudanças nos padrões que sustentam os relacionamentos conjugais. A divisão sexual do trabalho segundo a qual a rua aparece como o território eminentemente masculino e a casa, o feminino, se mantém mas parece estar perdendo a força diante das novas expectativas femininas.

Todas as mulheres entrevistadas falaram da importância da sua inserção no mercado de trabalho, quando não declaradamente por realização pessoal, ao menos para ajudar no orçamento familiar, auxílio que não é dispensado pelos maridos.

*“Eu pretendo, tô adiando, voltar a estudar ainda esse ano. Tô pretendendo fazer um supletivo, voltar a estudar, que eu quero arrumar um emprego, aí às vezes, ‘ah, você não tem o segundo grau completo, não pode’. Aí eu pretendo terminar meus estudos, e me colocar profissionalmente, porque eu não tenho uma profissão, já trabalhei em vários lugares, mas não tenho aquela profissão correta”. (Gabriele)*

*“Mas a minha vida é isso, cuidar da casa, das crianças, eu fico mais em casa, por isso eu quero voltar a trabalhar, é só esperar o B. crescer um pouquinho. Eu acho que eu trabalhando, eu vou até ter mais disposição pra fazer as coisas, sabe. Vou ter menos tempo, mas naquele pouco tempo eu vou dar todo gás. Eu quero muito voltar a trabalhar”. (Beatriz)*

E diante do peso de uma jornada dupla, suas exigências com relação às atribuições de um “bom marido” aumentaram. Aqui percebemos o delineamento de comportamentos que denotam um padrão de relacionamento mais igualitário, típicos dos jovens casais de classe média, mas que já começa a ganhar espaço nas classes populares. Se para os homens o dinheiro proveniente do trabalho feminino é bem vindo, para elas tornou-se indispensável a divisão das tarefas domésticas.

*“ (...) quando eu engravidei dele eu fiquei desesperada porque era eu sozinha pra tudo, tipo assim, eu tenho mãe mas ninguém me ajuda, era só eu, e tinha a minha sogra que me ajudava, aí tem 1 ano que ela faleceu, aí agora ele me ajuda. No dia que eu vou trabalhar, que ele tá em casa, ele fica com as crianças, ele dá banho, ele dá comida, se tiver que trocar de roupa ele troca, ele faz tudo, me ajuda na casa, porque antes ele não lavava um copo, hoje ele lava louça, às vezes lava o banheiro, varre, passa pano na casa, e ele não lavava um copo. (...)Eu levava o café pra ele na cama e onde ele comia ele largava. Hoje não, hoje ele já me ajuda bastante.” (Gabriele)*

*“(...) e hoje em dia a gente vive bem, ele arruma a casa, faz comida, coisa que eu nunca imaginei na vida que ele fosse fazer, antes ele não fazia nada, ele comia e onde ele comia o prato ficava, hoje em dia, eu cheguei em casa agora a casa tava pronta, ele arrumou a casa inteira, tá com os filhos...” (Patrícia)*

*“Agora como eu to trabalhando o dia inteiro, tá sobrando mais pra ele do que pra mim. Ele chega, fica em casa, as crianças chegam do colégio ele tá aqui, bota pra banho, então na verdade ele tá fazendo tudo pelas crianças, porque eu chego tarde, quando eu chego já tá todo mundo encaminhado, todo mundo já tomado banho, já jantado, então na verdade ele tá fazendo uma coisa que eu já fiz muito, antes era só eu, agora ele tá fazendo”. (Patrícia)*

*“Tipo assim, que ele é muito católico. Aí eu venho pra cá trabalhar, chego lá, ele tá na igreja, daqui a pouco volta pra igreja, sabe, muito católico, mas por isso não vai me ajudar nas tarefas de casa? Porque eu trabalho o dia todo, chego em casa ainda tenho que fazer tudo, almoço, roupa pra passar, a responsabilidade pra mim é muito grande”. (Fátima)*

Pacheco também considera que os níveis de exigência das mulheres em relação à convivência com seus parceiros aumentaram ou, ao menos, se modificaram, o que a faz considerar o processo de separação como um momento de transformação de valores nas relações de gênero, embora esta transformação ainda seja pouco expressiva. “A mulher pobre agora parece buscar uma relação conjugal sem ameaça de violência, mais igualitária, que a faça se sentir respeitada, digna e feliz” (p. 197).

E dentre as novas exigências femininas, a importância da verbalização e elaboração de emoções ganha lugar de destaque:

*“Olha, se eu te disser que eu estou satisfeita com a vida que eu levo, não, porque sempre tem um vazio. Sempre tá faltando alguma coisa. Porque a minha vida foi toda sozinha, cuidando de casa, lavando, passando, arrumando... Quando eu me senti uma palhaça no meio disso tudo eu fui procurar emprego, através de trabalho comecei a conhecer muitas pessoas, e aí comecei a ganhar o mundo né. Mas sempre falta uma palavra amiga nos momentos que a gente tá... às vezes a gente precisa desabafar, eu mesmo tenho muitas coisas, mas eu não tenho com quem conversar, poderia chegar pra ele e conversar, mas ele não tem tempo, porque o estacionamento não deixa, e assim, o nó na nossa relação foi por causa da família dele e da responsabilidade do estacionamento. Ele vivia pra carro e pra família dele. Então é muito complicado”. (Ana Maria)*

Às vezes o casamento torna-se um fardo tão pesado para a mulher que chega a custar a sua saúde.

*“A convivência é uma coisa muito difícil. Às vezes a gente não sabe nem com quem está vivendo. A gente não conhece nem os nossos próprios filhos. Então uma relação a dois é difícil. Como eu já ouvi muitas pessoas dizerem assim ‘ah, aquele homem é muito bom e a mulher não presta’, mas vai viver 24 horas com uma pessoa que você vai saber quem é a pessoa. Então julgar é fácil, mas só quem sente na pele é quem sabe, né. Então é muito difícil, porque você tem que ter jogo de cintura, estômago pra agüentar certas coisas e... Eu mesma fui uma pessoa que tive dois câncer por causa dessa relação, câncer emocional. Mas se eu não tivesse a mente que eu tenho, e a força de vontade de viver, e de saber que eu tinha filhos, eu estaria hoje morta”.*  
(Ana Maria)

*“Depois, com 16 anos eu tive síndrome... como se fosse síndrome do pânico, mas não foi exatamente síndrome do pânico, o médico falou que eu tive uma crise de nervos. Como eu tinha uma vida muito conturbada, eu comecei a passar mal. Comecei a sentir a sensação de que eu ia morrer, ficava roxa, ficava gelada, e eu achava que eu ia morrer, achava que eu ia ficar louca... E aí esse médico me passou um remédio controlado, fraquinho. Eu comecei a tomar esse remédio, eu fui melhorando, mas depois de um tempo ele começou a não fazer mais efeito, aí ele foi aumentando a dose, foi aumentando, foi aumentando, no final eu tava tomando um remédio inteiro, o mais forte que tinha e não tava adiantando. Eu fui criada na Igreja Universal, e aí foi que eu comecei a voltar a ir de novo, buscar uma solução né, nessas horas a gente corre pra algum lugar. Com duas semanas, acho, que eu tava indo na Igreja, eu já fiquei boa. Aquele mal estar, aquela sensação de que eu ia morrer, acabou. Sumiu definitivamente. Os médicos diziam que eram ‘n’ coisas e na verdade não era nada, eu acho que tava precisando de paz de espírito, de me ligar a uma coisa mais.... sei lá, tipo, um Deus, eu tava precisando de buscar mesmo isso. E aí eu fiquei mais calma, comecei a ter mais sabedoria, quando ele falava as coisas eu ficava quieta, não respondia, pra evitar briga, e fui começando a ver a vida de um modo diferente. Comecei a pedir a Deus pra que mudasse ele, e eu acho que eu pedi tanto a Deus que é por isso que ele tá do jeito que ele tá hoje em Dia.”* (Patrícia)

A esse respeito, Danda Prado (1983) lembra que, desde o século XIX, o índice de suicídio entre as mulheres casadas é bem maior do que entre as solteiras, bem como a necessidade do uso de tranqüilizantes, antidepressivos e ansiolíticos, o que refletiria, segundo a autora, “uma passiva revolta contra sua não inserção social

adequada” (p.33), uma vez que a família constitui o objetivo prioritário da educação das mulheres, seu meio de afirmação social.

Mas apesar das queixas, a maioria das mulheres diz que a vida melhorou com o casamento, fator que está relacionado à realização do padrão familiar citado anteriormente, e à segurança trazida pela presença de um companheiro provedor, garantia de sobrevivência.

Em se tratando de uma realidade inóspita, viver sozinho não é tarefa fácil. “Ruim com ele; pior sem ele”:

*“ (...) e eu prefiro a minha vida de casada porque hoje eu tenho uma família, tenho meus filhos, meu marido, prefiro a minha vida de casada”. (Gabriele)*

*“Eu acho que a minha vida melhorou depois que eu casei; é sempre bom ter alguém por perto, né”. (Beatriz)*

*“Depois de casada eu acho que melhorou, porque quando você casa, você tem um companheiro pra te ajudar, apesar desse problema de igreja, mas ele é um companheiro, e ajuda, ele recebe o pagamento dele, deixa lá, entendeu, ajuda. (...) Mas melhorou sim, porque **mal ou bem** você tem que ter alguém do seu lado, pra ficar com você, dividir as tarefas, as despesas”. (Fátima)*

### **Divisão de despesas e de tarefas**

Segundo a divisão sexual do trabalho numa família tradicional, à esposa cabem as tarefas domésticas, enquanto que ao marido cabe trazer o dinheiro de fora. A inserção da mulher no trabalho extradoméstico representaria o fracasso familiar. O afastamento da mulher do âmbito doméstico faz com que o homem se sinta desvalorizado, visto que não é capaz de prover, sozinho, a casa, conforme é esperado de um “chefe de família”, afirma Prado (1983).

No grupo pesquisado, constatamos que o trabalho feminino extradoméstico não chega a caracterizar um fracasso. Este dinheiro, sempre bem vindo, vem complementar a renda familiar, posto que a maior parte das despesas continua a cargo do homem.

A divisão da autoridade ainda segue o padrão tradicional, segundo o qual o homem é considerado o chefe da família, e a mulher, a chefe da casa (Sarti, 2003). O homem deve assegurar o sustento da família, enquanto a mulher se encarrega da prole e das tarefas domésticas.

*“Ele pega o salário dele, paga conta de luz, telefone, essas coisas, e deixa lá, aquela salário que tá lá é pra comprar de tudo, carne, legume, tudo, agora se o salário acabar antes de acabar o mês, aí eu tenho que completar com o meu.” (Fátima)*

*“As despesas é mais com ele né, o colégio da minha filha é particular, aí é ele que paga, as contas é ele que paga, às vezes, prestações, dependendo do que for, é ele que paga, e eu pago o ônibus do colégio dos meus dois menores, é colégio público mas eu pago transporte, e agora a gente também começou a comprar móveis pra casa, eu pago duas prestação, ele paga uma, por ele pagar mais as coisas, o colégio, a moto, que ela vai de moto, lanche, e as compras, que também não é pouco. A gente divide, mas a parte mais grossa fica com ele”. (Gabriele)*

*“Eu não trabalho fora, mas eu lavo roupa pra fora, então quando eu não tenho nada pra pagar, tipo quando eu tiro alguma coisa no cartão da minha amiga, eu até ajudo ele, mas quando eu não tenho, eu digo que não sobrou”. (Fernanda)*

O intercâmbio de posições ainda é muito sutil. Ele, quando muito, “ajuda” em algumas tarefas, quando a mulher trabalha fora; ela contribui “complementando” a renda doméstica. Quando a mulher não trabalha, os papéis são exercidos com a tradicional rigidez:

*“A divisão é assim: ele, tipo, compra as coisas, mas quem cuida mesmo sou eu. Eu acho que ele pensa: ‘ah, eu tô dando o dinheiro e você faz o resto’, sabe, é assim, sobra pra mim mesmo”. (Beatriz)*

*“Ele é um bom pai pra tudo, assim... pra brincar, pra reclamar, mas assim... em termos de cuidar, eu cuido dele bastante, mas o S., eu acho que ele é muito desligado nesse negócio, sabe, o negócio dele é só... não tá faltando nada, comida dentro de casa, essas coisas que é importante, isso é importante. Se ele precisa de uma roupa, ele vai lá dá o dinheiro e a gente compra, mas de cuidar dele mesmo, tudo é eu”. (Fernanda)*

Em consonância com Sarti (2003), constatamos que a autoridade moral ainda é exercida pelo homem, especialmente se ele é o único provedor.

*“Então, se ela não tá trabalhando, não faz nada, então ela tem que me ouvir em algumas coisas né, fazer as coisas que eu mando...” (Ricardo)*

*“Lá em casa a última palavra é minha, (...) por isso que, pras crianças, a última palavra é dela, agora pra mim sou eu, dentro de casa, a opinião geral sou eu”. (Antônio)*

## **Traição**

Constatei que a traição é fato comum nos relacionamentos da maioria dos entrevistados. Como é esperado de um grupo onde ainda vigoram os valores tradicionais, incluindo o duplo padrão de moralidade, a traição masculina ainda é mais corrente e mais aceita socialmente.

A fidelidade masculina perde importância diante de tantas outras preocupações de ordem prática, como o sustento da casa, por exemplo. Mesmo insatisfeitas, é melhor suportar pequenas infidelidades do que arcar com o ônus de uma separação e ter de criar os filhos sozinha. Desde que sejam apenas aventuras, as traições podem ser suportáveis, ainda que dolorosas. No fim das contas, *“ele acaba voltando pra casa”*.

Em consonância com esses achados, Pacheco percebe que a infidelidade conjugal, sozinha, não configura motivo suficiente para determinar o rompimento da relação pelas mulheres, embora seja uma queixa comum. A associação entre infidelidade, violência e ausência de recursos financeiros é que parece tornar a situação insustentável.

*“Ele sai, ele vai pra noitada, ele dorme na rua, mas isso não me preocupa não. O importante é que ele nunca deixou faltar nada dentro da minha casa, nunca deixou de amar os filhos, a gente precisando dele ele tá sempre ali.” (Ana Maria)*

*“ (...) e nisso ele sempre me sacaneando, sempre traindo, sempre arrumando mulher na rua... Eu trabalhando e os outros vindo no meu trabalho me contar que viu ele com mulher... que viu ele em tal lugar com outra pessoa... Então*

*assim, eu passei por todo tipo de humilhação possível que você imagina. E... foi muito difícil.” (Patrícia)*

*“Eu descobri, que ex-mulher de um amigo nosso, ela tinha uma irmã, eu tinha uma amizade com a irmã dela, depois, de uma hora pra outra ela parou de falar comigo. Aí eu falei ‘alguma coisa tem’, aí eu descobri que o meu marido tava saindo com ela, mas a gente conversamos numa boa. Ela falou que o M., esse amigo nosso, falou que ele não estava mais comigo, porque toda mulher que ele saiu não foi por ele, foi pelo M. Hoje eu falo com o M. por consideração dele ser meu compadre. Aí na época eu falei que ia embora, pra ele ficar com ela, e ele preferiu ficar comigo, então foi só passatempo”.* (Fernanda)

Contudo, a passividade feminina diante das traições dos maridos vem tomando nova forma. Sabemos que a infidelidade não é característica exclusiva do sexo masculino, conforme relatos históricos (Del Priore, 2005; Figueiredo, 1997), no entanto a carga do estigma social carregado pela adúltera parece estar mais leve. As mulheres já não se envergonham em revelar suas infidelidades quando motivadas pela insatisfação ou pelo desejo de vingança. Três das entrevistadas contaram ter traído os maridos, e o casamento não terminou depois deles terem tomado ciência dos fatos.

*“Eu não sei se ele fingiu que não viu, sabe, não sei, mas uma foi coisa rápida, não teve nada de relação, só uns beijinhos, mas pra dar o troco nele, aí a mãe dele chamou ele e contou pra ele, mas depois ficou tudo bem, ele não é de barraco não. Eu falei ‘vc fez, eu sei que é feio pra mim que eu sou mulher, não podia ter acontecido, mas sexo nada rolou, foi só beijo mesmo, agora com certeza você teve sexo, teve tudo’, aí ele ficou mais pra baixo do que eu, mas aí depois ficou tudo certo”.* (Fernanda)

*“Aí tem o perdão também né. Eu tava com ela, né, eu saí com muita mulher, entendeu. Então assim, eu dei motivo pra ela fazer besteira pra cima de mim também, entendeu. Então a gente se separou, aí eu como eu tava indo pra igreja, né, conversei com o pastor lá, ele falou assim: ‘ó, ela não te perdoou várias vezes? Então tem que perdoar ela, querer que Jesus perdoe, tem que perdoar ela também’, então aos poucos a gente foi voltando de novo, entendeu. Aí eu falei também ‘é a última vez, vamos entrar num acordo pra não ter mais isso’, entendeu, aí tá tranquilo, de lá pra cá, a minha parte, entendeu..., mas também se eu descobrir é pra nunca mais. Aí eu perdoei, ela me perdoou, eu sabendo que eu tava errado né, porque nego fala, ‘ah, mas é mulher’, não, mas eu também sou homem, é o mesmo pecado, é a mesma coisa, não é só porque é homem ou que é mulher não. Já que ela me perdoou todas as vezes, então eu perdoei ela uma vez também”.* (Ricardo)

A traição eventual parece não constituir ameaça. O que pesa é o status de “relacionamento” extraconjugal, caracterizado pela regularidade dos encontros. Mas um encontro casual é algo a que todos estão sujeitos, inclusive as mulheres.

*“Traição pra mim é quando a mulher tá com um homem, aí arruma outro... Assim, acho que se sair na hora e depois esquecer, acho que isso é coisa de momento, mas continuar igual muitos casos que eu vejo, isso aí é uma traição imensa. Que tem homem que sai mesmo e depois não quer saber mais, queria só sentir o gosto...” (Patrícia)*

## O Amor

Em sua pesquisa sobre família e identidade nas camadas populares, Isabela Pecego (1999) mostra-nos que, apesar da dificuldade de concretização do ideal do amor romântico exaltado pela classe média, este também constitui entre os pobres alvo de intensa busca e fator de referência para medir a felicidade conjugal. Assim, o casamento por amor seria o único aceitável, de forma que qualquer outra razão, simbólica ou realista, ameaçaria o nosso desejo de autonomia, já que submetidas a razões externas a nossa vontade, conforme afirma Vilhena (1999).

No entanto, não encontrei entre os entrevistados referências ao amor enquanto fator determinante para a união conjugal, mesmo porque vimos que, na maioria das vezes, a gravidez ensejara o casamento. No lugar do amor romântico, temos determinações de ordem prática.

Antônio conta que as atribuições domésticas da esposa ajudaram a estabelecer o vínculo afetivo:

*“(...) mas no começo mesmo, pra ser sincero, não sentia afinidade nenhuma, nem amor. Veio depois de um tempo, tal, que a gente tivemos filho, a convivência também de repente até ajudou, que ela faz as coisas que eu gosto, assim, em matéria de ... doméstica né, de fazer as coisas dentro de casa, e foi isso que foi me agradando nela também né, porque tem muitas meninas jovens hoje em dia que não pensa... só quer saber de baile funk, de curtir, e não foi o caso dela, ela correspondia pra mim uma pessoa que é dona do lar, então eu comecei a gostar dela assim, por causa desse lado bom que ela tem”.*

Para D. Fátima, a união com o marido surgiu como a possibilidade de amparo mútuo diante dos sofrimentos compartilhados.

*“Eu naquela época já tinha 27 anos, ele também não tinha pai, não tinha mãe, e aí a gente foi se conhecendo, e acabamos casando. Foi uma coisa tão rápido, que a gente tava namorando e com um mês a gente casamos. A gente vai trabalhando, aí chega uma hora que a gente tem que arrumar uma casa, uma família... Eu nunca fui de namorar, ir pra forró. Ele perdeu a mãe com um ano de idade, depois perdeu o pai, aí veio pra cá trabalhar, eu não sei se é aquilo que as pessoas dizem, aquela química..., eu acho que é mais o sofrimento das pessoas, mas graças a Deus deu certo, tá dando certo até hoje, é claro que de vez em quando a gente tem aqueles probleminhas que todo casal tem mesmo, mas a gente tá levando...”*

Patrícia, casada há 11 anos, diz ter se sentido pressionada a casar-se por causa da gravidez. O namoro descompromissado típico da fase de experimentação da adolescência trouxera conseqüências definitivas em sua vida:

*“Parece até que era uma coisa de destino, porque assim, a gente mora perto, fomos criados na mesma rua, então quando eu tinha uns 12 anos, a gente se beijava, se agarrava aí pelos becos, ele era mais velho do que eu, e a gente tinha tido alguma coisa, mas nada sério, e ele foi embora daqui, foi morar em outro lugar, e quando ele voltou, eu tava com 14, foi aí que a gente ficou de novo, eu não gostava dele não, a gente ficou por ficar, porque sabe como é que é adolescente, fica por ficar só pra... ficar. E aí a gente ficou... e logo eu engravidei dele, foi uma coisa muito rápida, e aí foi uma coisa parece que na pressão mesmo, e aí eu acho que foi uma coisa meio que de destino, sei lá. (...) Na realidade, eu fiquei com ele meio que por pressão.”*

Mas se o amor não é fundamental para que se dê a união, ele está presente nos discursos que falam da manutenção do vínculo. É o amor o elemento capaz de promover a superação das adversidades, de fortalecer a relação de ajuda mútua. Embora saibamos que existem outros fatores em jogo contribuindo para a não desvinculação, conforme vimos anteriormente, a referência ao amor romântico é presente.

*“Sim, porque eu acho que se não existe amor a gente não luta, eu vejo muito isso, hoje eu olho ao meu redor, eu vejo os casamentos se destruindo por isso, por não ter o verdadeiro amor, porque sem o amor a pessoa arruma logo uma desculpa ‘ah, eu vou me separar porque fulana fez isso, então eu não agüento mais’, mas eu, pelo menos no meu caso, quando existe amor a gente tem que lutar, porque com amor a gente vence. Eu acho assim, só vale a pena*

*a gente lutar por um casamento quando existe amor, se não existe mais não tem porque lutar”. (Gabriele)*

*“Pra mim é a base de tudo, porque, pelo que eu já passei e tudo, se não existisse amor, eu não estaria mais com o meu marido. Embora as minhas maiores lutas foi contra a bebida dele, foi contra ele sair, porque eu não aceitava nem que ele chegasse meia-noite, uma hora, porque eu achava que eu tava dentro de casa, eu tava cuidando dos meus filhos, ele também deveria estar comigo. A minha maior luta foi por isso, mas porque? Porque eu o amava, porque eu não queria perder o meu casamento por causa daquilo. O meu amor foi maior do que aquilo pra vencer”. (Gabriele)*

*“Mas eu acho que se não gostasse um do outro, se não tivesse amor, a gente não tava junto hoje, né, três separação pra quem não gosta, já tinha arrumado outro rumo, então ele não arrumou, nem eu...” (Fernanda)*

*“Eu acho que é importante sim, senão a gente não tava junto até hoje, entendeu. Se não fosse o amor dela, e o meu também, a gente não tava mais junto. Um cuida do outro, ela sabe o que eu quero, eu não preciso nem dizer, então se não fosse isso, a gente não estaria nem mais junto. Se fosse só por tar mesmo, eu já tinha sentido, e já tinha abandonado também. Se eu visse que ela tá aqui só porque não tem pra onde ir, ou porque eu sou o pai do filho dela, eu já tinha largado. Então foi por amor mesmo”. (Ricardo)*

Somente um dos entrevistados, Marcelo, revelou não considerar o sentimento importante na união conjugal. Coincidência ou não, ele já está no quarto casamento. Contudo, nota-se que a idealização está presente quando se refere a um amor que é único, o “verdadeiro” amor, que só acontece uma vez na vida.

*“Amor por ela eu não tenho e ela sabe disso, eu sou sincero com ela. Eu acho que amor eu só tive um, que foi a minha primeira esposa e é a única até hoje, tanto que isso já me causou muitos problemas, muitas discussões, porque é a única que eu amei. Eu gosto muito da M., eu falo pra ela, mas amor... assim... eu acho que não. Eu até entendo o lado dela, porque eu no lugar dela talvez também não... com certeza também não ia gostar. Então eu acho que é possível o relacionamento, o casamento sem amor, pelo menos pra mim...”*

E este sentimento que, de uma forma ou de outra, merece lugar de destaque, parece se encaixar na definição de amor companheiro, aquele que faz durar um relacionamento, baseado na ternura, amizade e companheirismo. Este amor é aqui definido em oposição à paixão, sentimento tido como inferior, sujeito a arroubos e inconstâncias que podem ameaçar a estabilidade da relação.

*“Eu acho que no começo mais era vontade mesmo de ter relação sexual, eu acho que era uma paixão meio maluca. Hoje eu compreendo o amor porque... o amor que eu sinto por ele assim é ora proteger, ajudar, e antigamente não, só tinha vontade de ter relação e brigava muito, brigava muito, tinha um ciúme doentio, um ciúme que parecia assim, coisa de... eu acho ridículo, eu achava ridículo porque às vezes eu via ele conversando com uma mulher aquilo pra mim era um... então isso não é o amor. O amor, ele constrói né. Eu acho que hoje eu vejo o amor de forma diferente.” (Ana Maria)*

Um relacionamento baseado em paixão estaria fadado ao fracasso. Sendo assim, às vezes é preferível, e até mais seguro, evitar este estágio, passando direto ao amor.

*“Então eu acredito mais que, eu conhecer uma pessoa e gostar depois, pra mim dá mais certo. Todas as meninas que eu namorei e era aquele amor, que a gente fala, primeira vista né, nunca dava certo porque começava muito embalado, então não dava certo, então a gente aqui fomos criando um amor da gente mesmo, eu do meu jeito e ela do jeito dela, é por isso que de repente a gente tá dando certo, porque fomos formando do zero e é por causa disso que foi dando certo, e estamos até resolvendo casar no civil mesmo que é pra oficializar nosso casamento”. (Antônio)*

O amor que vem com o tempo, que nasce depois do casamento e, nestes casos, depois do nascimento dos filhos, nos fala de um sentimento familiar, mais do que conjugal.

*“Assim, no momento é aquele negócio de jovem né, eu olhei pra ela, tive vontade de sair com ela... me atraiu... (risos) porque ela era nova, tal... Tava no baile funk, vi ela, e ela ficou me olhando, dando tipo condições, aí vi que ela me deu um mole assim, aí eu fui e peguei (risos). Aí depois, o gostar mesmo foi depois..., depois que tivemos filho, tal, é que veio aquele amor, mais assim... de aproximação, de casamento mesmo. No começo foi só curtidão e de repente deu certo.” (Antônio)*